

QUER

LUCRAR

MAIS?

O BANCO ESPECIALISTA
EM TRANSPORTES
AJUDA VOCÊ.



SEU PARCEIRO FINANCEIRO PARA **BONS** NEGÓCIOS.

Su má rio

08

SOBRE O BANCO

Em vez de esperar a crise passar, o Brasil precisa passar pela crise.



18

ESPECIAL

Como o otimismo de Francisco Gomes Neto tem encarado as dificuldades do mercado à frente da Marcopolo.



07

EDITORIAL

O que você encontra nesta edição da Moneo Revista.

10

CULTURA

Vida e obra de Nelson Motta, um dos homens mais queridos da cultura brasileira das últimas décadas.



26

GASTRONOMIA

O ambiente boêmio dos botecos mais famosos do Brasil e seus deliciosos cardápios com pratos especiais.



34

ENTREVISTA

O jornalista Ricardo Boechat fala, com exclusividade à Moneo Revista, sobre política, economia, e transporte urbano.



62

ESPORTE

Como estão as chances do Brasil ficar com medalhas nos principais esportes das Olimpíadas.



42

VIAGEM

O Rio de Janeiro se prepara para receber os Jogos Olímpicos e oferece roteiros com paisagens deslumbrantes.

70

TRANSPORTES

A crise da mobilidade urbana continua dando o que falar, e as soluções aos problemas precisam ser apresentadas. O Brasil precisa agir.



74

TECNOLOGIA

Aplicativos ligados à área da saúde se tornam aliados da população na prevenção de doenças.

56

NEGÓCIOS E MERCADO

Bilionários do mundo todo usam transporte público diariamente. Por que isso não acontece no Brasil?

80

ESTILO

Casual ou descolada, a bermuda virou item obrigatório no guarda-roupas masculino.



Moneo

revista

CRIAÇÃO E EXECUÇÃO

Agência Batuca
www.agenciabatuca.com.br

REDAÇÃO

Secco Consultoria de Comunicação
Mídia Help Assessoria em Comunicação

FOTOGRAFIA

Acervo Rede Globo
Acervo Marcopolo
Bar Mocotó
Divulgação
Editora Foz
Júlio Soares
João Luiz Oliveira

PROJETO GRÁFICO

Agência Batuca

CONSELHO EDITORIAL

Mara Regina B. de Lima
Adriana Terres Angar
José Carlos Secco
Fabio Dahlem da Rosa
Fernando Massutti

COORDENAÇÃO GERAL

Banco Moneo
Av. Rio Branco, 4889 | 4º andar | Bairro Ana Rech
Caxias do Sul | RS | CEP: 95060-145
www.bancomoneo.com.br
Ouvidoria: 0800 723 50 40

CONTATO

bancomoneo@bancomoneo.com.br

TIRAGEM 3.400 UNIDADES
GRÁFICA GRAFOCEM | MAIO 2016

Editorial

Sempre em busca de pautas relevantes para você, a Moneo Revista traz, nesta edição, os assuntos que estão mexendo com o Brasil, como a situação financeira do país, as Olimpíadas no Rio de Janeiro e a crise na Petrobras.

Em momentos de instabilidade econômica como o que vivemos atualmente, informação é essencial para superar as dificuldades. Por isso, na matéria de capa, Francisco Gomes Neto, atual CEO da Marcopolo, dá sua visão sobre a crise e deixa claro, com exemplos práticos, como o otimismo tem feito a diferença no dia a dia de uma das maiores fabricantes de ônibus do mundo todo.

Além do CEO, Ricardo Boechat, um dos jornalistas mais premiados do Brasil, também comenta a situação financeira do nosso país e conta por que a esperada recuperação está demorando para acontecer. Respalado pelo conhecimento de quem é referência em jornalismo econômico, Boechat analisa a crise na Petrobras, o atual momento da Argentina, seu país de origem, e o posicionamento do Brasil em relação a parcerias com os “hermanos” e o Mercosul.

Outro personagem inspirador que aparece nesta edição é Nelson Motta. Com o lançamento do

livro “As Sete Vidas de Nelson Motta”, um dos profissionais mais multidisciplinares do Brasil tem sua história na música, na TV e em outras áreas da cultura popular compartilhadas com o público e revisitadas pela Moneo Revista.

Já o jornalista Adamo Bazani, especializado em transportes, mostra como o uso de ônibus e metrô é corriqueiro entre os milionários de países desenvolvidos. Em contraponto, Antonio Ferro, da Revista AutoBus, traz à tona a situação do transporte público brasileiro.

Faltando poucos meses para o início das Olimpíadas, listamos os esportes nos quais o Brasil têm mais chances de ficar com medalhas e, ultrapassando os limites da Cidade Olímpica, visitamos os principais pontos turísticos da Cidade Maravilhosa.

Os melhores aplicativos para cuidar da saúde, a cultura dos botecos, dicas de moda e outros assuntos pensados especialmente para você também estão nesta edição da Moneo Revista.

Boa leitura!

Mara Regina B. de Lima,
Gerente Comercial.



Passar pela crise ou esperar a crise passar?

*(Mara Regina B. de Lima,
Gerente Comercial)*

Não é hora de desanimar. Muito pelo contrário: o momento é de transformar as dificuldades em um incentivo para buscar novas oportunidades.



Na mídia, no trabalho e até na roda de amigos, o assunto do momento é o mesmo: a crise política e econômica que assola o Brasil. Considerada a maior enfrentada pelo país nas últimas décadas, a crise chama a atenção pelo impacto que causa no cotidiano da sociedade e, principalmente, por ainda não ter previsão de um fim.

Essa falta de perspectiva é sustentada, em grande parte, por medidas fiscais pouco eficientes e pela falta de credibilidade do Governo e de sua equipe econômica, que despertam questionamentos até mesmo em relação à legitimidade da aplicação de recursos. Além disso, o dólar segue pressionando os indicadores inflacionários e impactando o bolso e a mesa dos brasileiros. Para completar, o desemprego continua em alta, assim como a inadimplência da população.

Contudo, não é hora de desanimar. Ou melhor: não é hora de ficar parado esperando a crise passar. Em janeiro deste ano, em entrevista ao Jornal do Brasil, o ex-ministro da Fazenda Delfim Netto já comentava sobre as perspectivas econômicas do país, destacando suas condições de reação. "O estouro pode ser proporcional ao tamanho do país, mas o Brasil é bastante grande para enfrentar uma crise como esta. E não adianta ficar olhando para o resto do mundo em busca de uma solução, basta olharmos para nosso próprio umbigo", disse Netto.

Com o pé no freio para evitar um aumento na inadimplência, os bancos se tornaram um dos maiores empecilhos para essa reação acontecer em curto prazo, já que hoje, além de financiamentos pouco vantajosos, essas instituições têm oferecido taxas de juros maiores e limites de crédito reduzidos, tanto para pessoas físicas quanto jurídicas.

Analisando o panorama da crise, a recomendação é a mesma: cautela, planejamento e, principalmente, força de vontade. Segundo especialistas econômicos, a crise e suas dificuldades não podem afetar o ânimo da sociedade. Muito pelo contrário: devem servir de incentivo para a inovação e pela busca de novas oportunidades.

Conforme mencionado pelo CEO da Marcopolo S.A., Francisco Gomes Neto, "A mais importante lição que podemos aprender com a crise é que, para superar momentos difíceis, sair fortalecidos e ter sucesso, precisamos nos adequar e acompanhar o mercado. Estar sintonizados com cada um dos nossos parceiros e atuar de forma harmônica, dentro e fora da companhia."

Por um tempo, continuaremos observando o encolhimento da nossa economia. Entretanto, precisamos ter em mente que o Brasil não vai parar, e nós também não devemos parar. Em vez de esperar a crise passar, nós é que precisamos nos fortalecer dentro de nossas instituições e passar por ela.

Memórias de um jovem senhor

Aos 70 anos, Nelson Motta segue mais produtivo do que nunca e mostra diversas facetas ao público

Jornalista, compositor, agitador cultural, apresentador, roteirista, escritor, cronista... Dentre tantas formas de descrever Nelson Motta, talvez uma expressão seja mais abrangente: gênio popular. No impressionante currículo do paulistano, muitos são os trabalhos que caíram no gosto do grande público – a maioria, músicas de refrões inesquecíveis e livros que não saem das listas de *best sellers*.

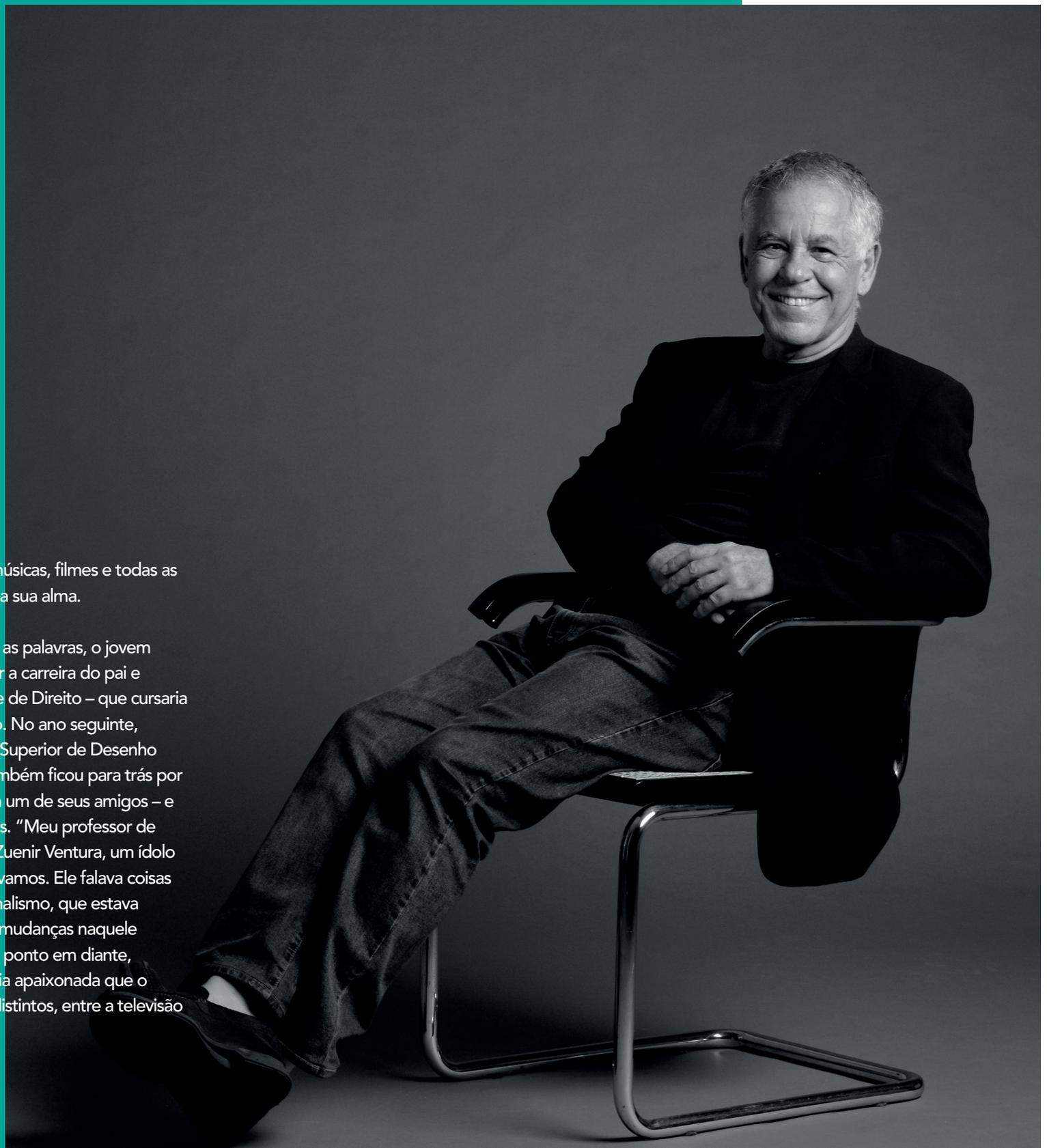
Desde muito cedo envolvido com a vida boêmia das noites do Rio de Janeiro – onde foi viver ainda criança – o jornalista assumiu o posto de ícone de uma geração e um dos símbolos mais queridos da cultura brasileira das últimas décadas, sobretudo no meio fonográfico. Afinal, que outro sujeito pode dizer que foi amigo de Vinicius de Moraes, namorou Elis Regina, descobriu Marisa Monte e ainda deu a Lulu

Santos o seu maior sucesso? Ao lançar o livro “As Sete Vidas de Nelson Motta” (leia mais no box ao final da matéria), ele revisita a sua carreira e narra as aventuras de quem viveu intensamente a bossa nova, a jovem guarda, o tropicalismo, a discoteca e o rock. E o melhor: com a verve encantadora de quem nunca se cansa de contar histórias, sejam elas memórias cotidianas ou causos poéticos.

A paixão pelas artes acompanha o jornalista desde garoto – quando ainda sonhava com uma vida interessante em imensas salas de cinema. Nelson Cândido Motta Filho nasceu em 1945, em São Paulo, filho de um advogado e de uma dona de casa. No Rio de Janeiro, para onde seus pais se mudaram quando ele tinha apenas seis anos, começou a se interessar pelo universo artístico e mais tarde descobriu uma vocação e

tanto: escrever sobre músicas, filmes e todas as coisas que faziam bem a sua alma.

Apesar do talento com as palavras, o jovem inquieto resolveu seguir a carreira do pai e entrou para a faculdade de Direito – que cursaria por apenas um período. No ano seguinte, foi aprovado na Escola Superior de Desenho Industrial, curso que também ficou para trás por conta do encontro com um de seus amigos – e mestres – mais queridos. “Meu professor de redação era o escritor Zuenir Ventura, um ídolo na escola. Nós o adorávamos. Ele falava coisas fascinantes sobre o jornalismo, que estava passando por grandes mudanças naquele tempo”, lembra. Deste ponto em diante, começava uma trajetória apaixonada que o levaria para caminhos distintos, entre a televisão e a literatura.





Nelson Motta no Jornal Hoje da TV Globo e no programa A Grande Chance.

Ao iniciar sua carreira no jornalismo em 1964 como estagiário na reportagem do Jornal do Brasil, tornou-se amigo de vários artistas importantes no cenário fonográfico brasileiro – em especial de movimentos como a bossa nova e o tropicalismo. O gosto pelos aplausos veio em 1966, quando ganhou a fase nacional do primeiro Festival Internacional da Canção com a música “Saveiro”, que compôs em parceria com Dorival Caymmi. Na mesma época, Nelson fez suas primeiras participações na televisão, como crítico musical nos programas “A Grande

Chance” e “Um Instante, Maestro”. No final de 1967, passou a assinar uma página diária sobre as novidades do mundo do entretenimento no Jornal Última Hora, de Samuel Wainer. “A minha coluna se chamava “Roda Viva”. Falava sobre o cinema novo, o Teatro Oficina, a MPB, toda a área cultural, e até política, mas sob o ponto de vista da juventude. Samuel queria que a coluna fosse escrita por um jovem, com uma linguagem jovem, para um público jovem. Foi a primeira do gênero no Rio de Janeiro”, conta.



Nelson Motta e Marisa Monte, uma de suas descobertas da MPB.

Música na alma

No início dos anos 70, ao circular com passe livre pelos camarins de grandes astros, Nelson uniria o jornalismo à música de forma definitiva. Um de seus primeiros trabalhos na área foi selecionar as canções da novela “Véu de Noiva”, de Janete Clair. O disco – considerado a primeira trilha sonora oficial de um programa de dramaturgia da televisão brasileira – foi lançado em parceria com a gravadora Philips e vendeu milhares de cópias. Ainda no começo da década, assumiu outro projeto audacioso: assinar a produção de um especial de Chico Buarque, na Rede

Globo. O sucesso foi tanto que em seguida ele realizaria o programa “Som Livre Exportação”, apresentado por Elis Regina e Ivan Lins. Apesar de ser uma figura conhecida nos bastidores, seu nome cairia no gosto do grande público somente com a estreia de um quadro pessoal no Jornal Hoje – e mais tarde em uma série de matérias bem-humoradas para o Fantástico e para o Jornal Nacional. Nesse período, ainda comandou o inovador “Sábado Som”, atração que destacava a cena roqueira que mexia com o país.

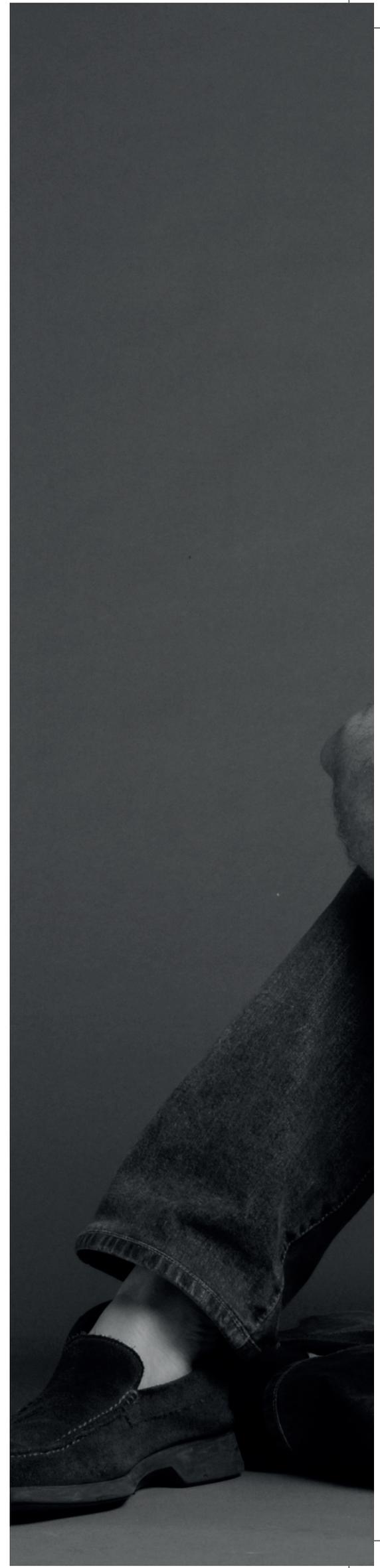


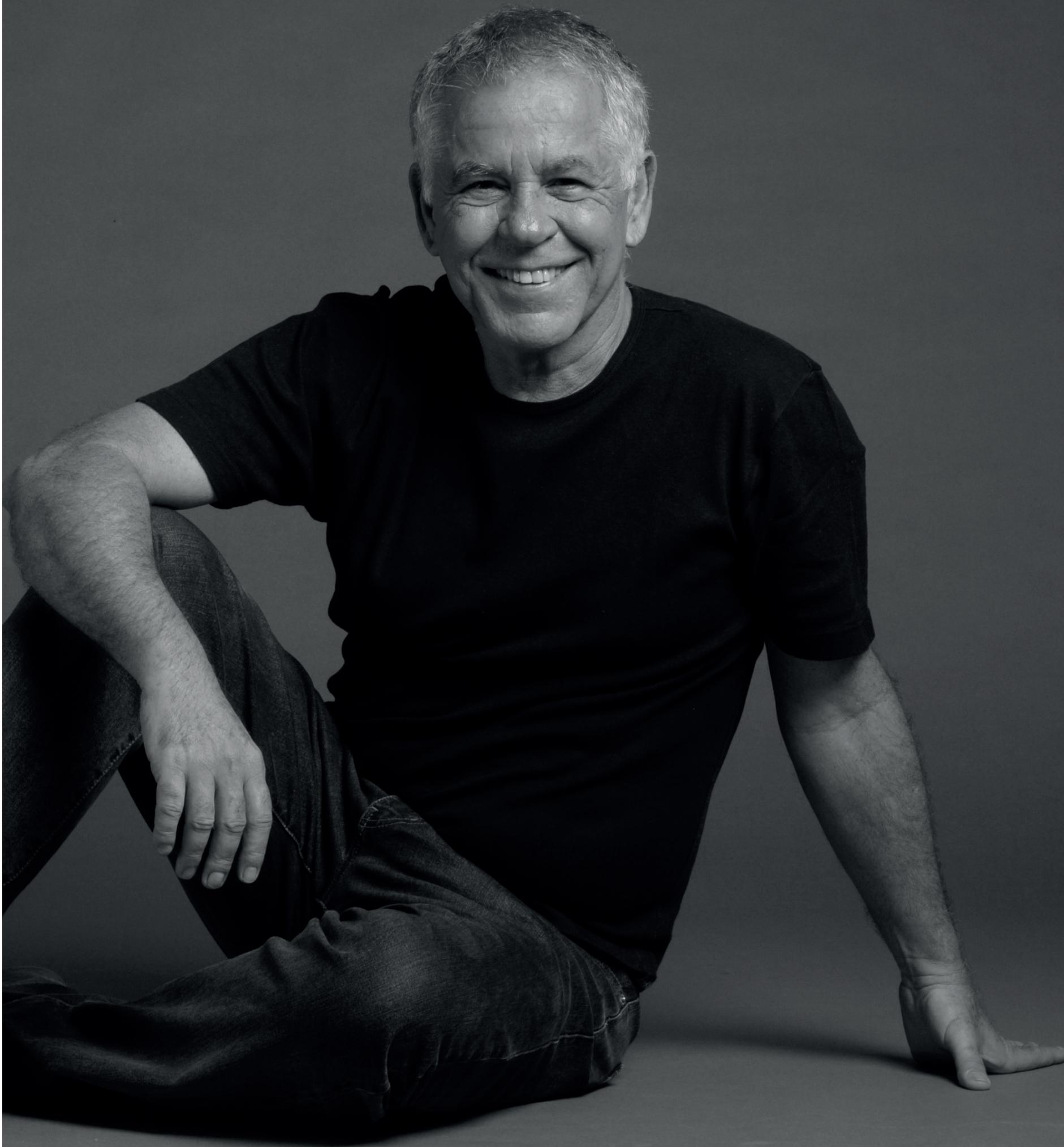
Em 1976, Nelson se tornou um dos donos da famosa boate “Dancing Days”, que popularizaria a “disco music” no Brasil. O universo da casa foi parar em uma novela de mesmo nome, cujo tema de abertura era interpretado pelo grupo “As Frenéticas”, garçonetes-cantoras que o jornalista contratara para trabalhar em sua discoteca. “Elas não eram uma imitação das estrelas internacionais, mas uma versão pop das vedetes de teatro de revista e das chanchadas da Atlântica”, explica. Como executivo de diversas gravadoras, ainda foi responsável por sucessos de Elis Regina, Wilson Simonal, Wanderléa, Lulu Santos e Marisa Monte, entre outros.

Quando o assunto é letra de música, o jornalista conta com uma longa lista de canções gravadas por grandes nomes, de Gal Costa a Beth Carvalho, passando por Milton Nascimento, Elizeth Cardoso e Caetano Veloso, entre muitos outros. Em 2004, lançou um *songbook* com 49 canções de sua autoria. Entre elas, clássicos como “Bem Que Se Quis” (com Marisa Monte), “Como Uma Onda” (com Lulu Santos) e “Coisas do Brasil” (com Guilherme Arantes).

Muito além da música, Nelson também se dedica à literatura – com direito a lugar cativo na lista de livros mais vendidos do país. Em “Noites Tropicais”, lançado em 2000, narrou a história de alguns dos grandes nomes da música popular brasileira a partir de seu ponto de vista. No currículo do jornalista, ainda estão romances policiais com uma forte referência dos filmes “noir” da década de 50, como “O Canto da Sereia” – que virou minissérie na TV Globo em 2013 – e “Bandidos e Mocinhas”.

Um de seus sucessos editoriais mais estrondosos foi “Vale Tudo: O Som e a Fúria de Tim Maia”, onde contava a trajetória de um dos maiores cantores do Brasil. O reconhecimento foi tanto que as páginas foram parar no cinema e no teatro – sempre com uma enxurrada de críticas positivas. Em sua mais recente incursão pelo universo das biografias, debruçou-se sobre a vida do cineasta Glauber Rocha em “A Primavera do Dragão – A Juventude de Glauber Rocha”. Atualmente, Nelson se dedica a outro artista polêmico: Wilson Simonal. Depois de escrever a peça teatral “S’imbora, o Musical”, o autor prepara o lançamento de um livro sobre o músico, para quem chegou a produzir um disco.

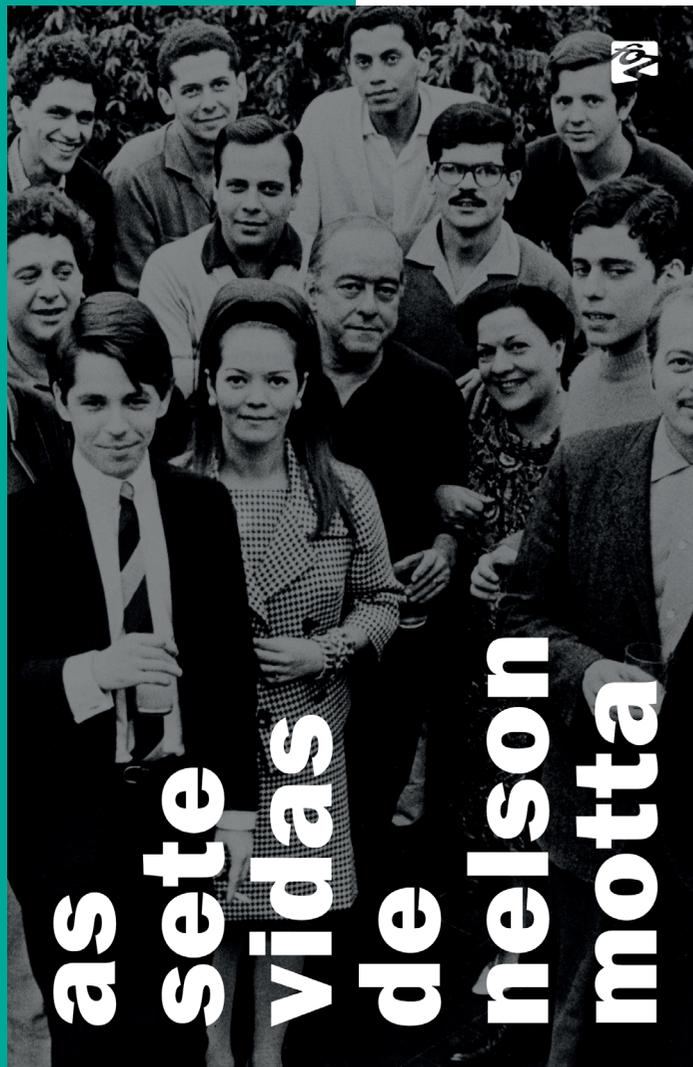




UMA VIDA ENTRE AS PALAVRAS

Para celebrar seus 70 anos de idade, Nelson Motta brinda o público com uma obra essencial para quem se interessa pela pulsante cena artística brasileira das últimas décadas: o livro "As Sete Vidas de Nelson Motta", onde revisita sua brilhante carreira de maneira divertida – entre causos musicais e devaneios literários.

"Este é um projeto sobre a amizade e o trabalho. Mais do que isso, é sobre as pessoas que encontramos no caminho e as vidas que inventamos para nós", destaca. Nas páginas, o leitor pode encontrar textos originais do autor, além de uma seleção de reportagens, crônicas e perfis assinados pelo paulistano nos principais jornais e revistas do país. A comemoração ainda destaca o álbum "Nelson 70", uma espécie de homenagem sonora que conta com a participação de grandes intérpretes em versões especiais de músicas assinadas por Motta, como "Parece Mentira", com Marisa Monte e João Donato, "Certas Coisas", com Lenine e Cristina Braga, "Como Uma Onda", com Jorge Drexler, e muitos outros sucessos que marcaram a carreira do compositor.



Livro As Sete Vidas
de Nelson Motta,
Editora Foz.

Secos e Molhados no programa Sábado Som. Programa musical que destacava a cena roqueira do Brasil.





Como a Marcopolo enfrenta a crise

(José Carlos Secco)

Francisco Gomes Neto, CEO da companhia, aposta no mercado externo e em novas práticas corporativas para transformar a crise em oportunidade



Marcopolo

Oito meses depois de assumir o cargo de CEO da Marcopolo, Francisco Gomes Neto enfrenta com bom-humor e determinação a mais severa crise que o setor brasileiro de ônibus já passou. Habitado a lidar com situações adversas e de retração de mercado (foi assim quando assumiu o posto de vice-presidente da Mann+Humell, em 2008, nos Estados Unidos), o CEO comanda a companhia buscando aproximação com clientes externos e implantação de novas práticas para alavancar o crescimento dos negócios.

“O momento não é nada favorável para o setor brasileiro de ônibus e não existe perspectiva de mudança no curto prazo. As previsões, aliás, são de nova retração, com uma demanda de mercado inferior a 40% dos 35 mil ônibus vendidos dois anos atrás. É preciso levar em conta que 12% daquelas unidades foram para o programa Caminho da Escola, do Governo Federal, que foi praticamente desativado. Contudo, a queda na renovação de frotas de rodoviários e urbanos é notável. Está muito abaixo do normal.”, argumenta Gomes Neto.

A visão do CEO sobre a situação vai além de dados mercadológicos: "O grande problema é que nos acostumamos com um mercado aquecido, com linhas de financiamento atraentes e muitos estímulos à renovação de frota. Soma-se a isso a perspectiva que tínhamos em mente, de um cenário ainda mais positivo, fruto dos anúncios de investimentos em infraestrutura viária e mobilidade urbana, e percebemos que o "baque" acentuado que sentimos também é fruto de fatores psicológicos. Por outro lado, de maneira mais concreta, temos a atividade econômica e industrial em baixa, o que contribui para a redução da mobilidade das pessoas e, por consequência, na demanda por ônibus."

Para Francisco, no entanto, a situação pode e deve ser encarada de frente. "Não podemos ficar parados diante disso, precisamos continuar avançando. Queremos que a Marcopolo enfrente e saia fortalecida desta crise, por isso, demos início a uma série de ações estruturadas

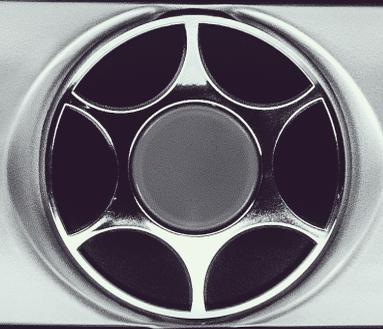
na companhia. Entre elas, está o foco nas exportações, que visa explorar oportunidades em praticamente todos os continentes, e a busca incessante por mais qualidade e eficiência industrial, fatores essenciais para aumentar nossa produtividade fabril."

Em busca da melhoria na produção, a Marcopolo está adotando em todas as suas operações mundiais e nacionais a cultura "Lean". A ideia dessa cultura é ter todos os colaboradores focados em atividades que agreguem valor ao cliente e eliminem desperdícios, contribuindo para a criação de diversas melhorias essenciais para o desenvolvimento da companhia. A estratégia atinge todos os setores da empresa, da produção ao administrativo, passando por engenharia, logística, comercial, marketing e muito mais. Sua implementação, entretanto, é um desafio enorme, porque para "ser Lean" é preciso envolver os líderes da companhia.





Marcopolo



Eles precisam agir como mentores, estendendo aos colaboradores essa reflexão sobre as práticas atuais, reconhecendo os problemas corporativos e buscando as soluções para alcançar a mudança cultural desejada.

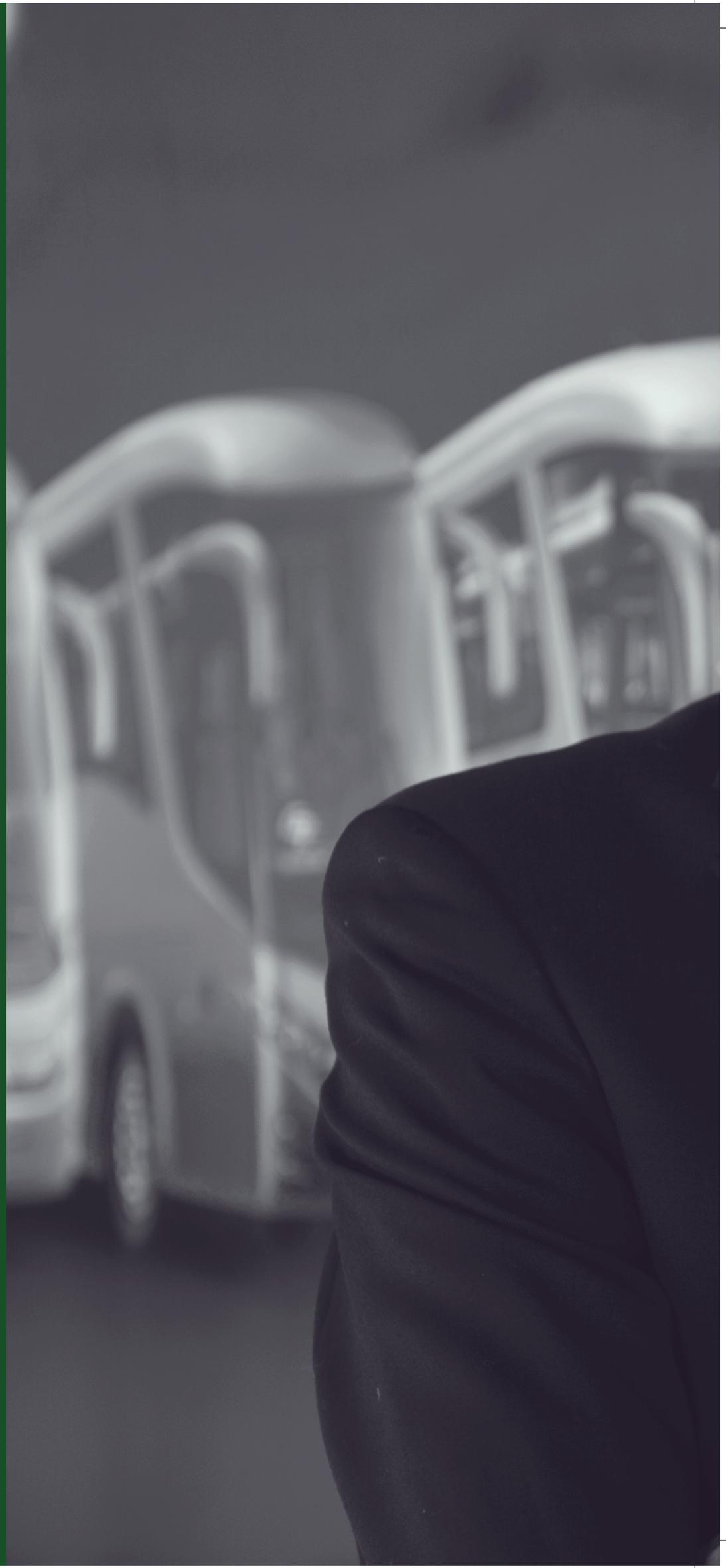
Apesar de ainda ser o principal e mais importante mercado para a Marcopolo, o Brasil não dá sinais de retomada. Por isso, tão importante quanto a mudança cultural corporativa implementada foi a criação de uma força-tarefa para desenvolver novos clientes e mercados no exterior. As primeiras investidas trouxeram resultados muito promissores: negócios na América do Sul, Caribe, África, Oriente Médio e até na Ásia – potencializados, em grande parte, pela adoção e disseminação da cultura "Lean".

*Começam a surgir
negócios na América do
Sul, Caribe, África, Oriente
Médio e até na Ásia*

Com tantos benefícios mundo afora, vale ressaltar que o maior privilegiado com todas essas ações não é a Marcopolo, mas o cliente – principalmente o brasileiro. Investir para ser mais eficiente e competitivo, no Brasil e no exterior, permitirá o desenvolvimento de melhores produtos, serviços e, principalmente, a busca por necessidades e demandas de parceiros mesmo antes de elas acontecerem, como neste exato momento.

Dentro desse objetivo, o Banco Moneo tem importante atuação e papel. Criado há quase 11 anos para facilitar a aquisição de produtos da Marcopolo, a instituição se transformou em instrumento para viabilizar, com rapidez, eficiência e competitividade, a venda de produtos da marca. Em momentos como este, com o mercado bastante restrito ou até mesmo fechado, é no Moneo que os clientes encontram soluções de financiamento rápidas, consistentes e competitivas para obter o tão necessário crédito para obterem seus ônibus.

Com uma das visões mais otimistas e determinadas do mercado, Francisco Gomes Neto conclui com a lição ensinada pela crise: “Para superar momentos difíceis, precisamos transformar dificuldades em oportunidades, fazendo melhor dentro e fora da companhia. E é justamente isso que nós estamos fazendo na Marcopolo. Estamos enfrentando a crise e tentando tirar proveito dela.”





Alma boêmia

Entre um chope e um aperitivo,
os botecos ainda são uma das
melhores opções para quem
quer apreciar as coisas simples e
saborosas da vida



Um ambiente para relaxar com os amigos no fim do dia, jogar uma conversa fora, beliscar aquele quitute feito na hora e o melhor: tomar uma cerveja bem gelada. No imaginário brasileiro, o boteco é o lugar que reúne tudo isso e mais um pouco – com direito a mesa cativa durante a semana e um aceno simpático do dono da casa. Nos últimos anos, o bar da esquina abandonou a imagem de “pé sujo” e ganhou a preferência dos *gourmets* de plantão ao oferecer desde petiscos tradicionais até bebidas elaboradas.

Ao deixar o rótulo de baixa gastronomia no passado, os restaurantes reúnem gente de todas as tribos em ambientes que ainda oferecem boa música e um discreto charme boêmio. Para quem ainda duvida do apelo “cool” dos espaços, basta dar uma olhada na seleta lista de bares mais famosos das grandes cidades – cada vez mais repletas de lugares simples, mas de alma calorosa. Afinal, quem não saliva diante de uma porção de bolinhos de bacalhau, ainda mais ao lado de uma caipirinha preparada no maior capricho?





De acordo com o dicionário, a palavra boteco é uma derivação de botequim – que por sua vez seria o diminutivo de botica – e significa “pequena venda onde se encontram bebidas, tira-gostos, fumos, cigarros, balas e alguns artigos de primeira necessidade, geralmente situada na periferia das cidades ou à beira de estradas”. Antigamente, os estabelecimentos eram caracterizados desta forma e comercializavam diversos produtos – como uma espécie de “secos e molhados”.

Já no início do século 20, os proprietários passaram a oferecer aperitivos e bebidas aos clientes, como forma de agrado. Aos poucos, a proposta foi ganhando mais e mais adeptos e seu ambiente – quase sempre com decoração casual e receitas deliciosas – hoje faz parte da identidade nacional. Em Belo Horizonte, conhecida como a “capital nacional dos botecos”, existem nada menos que cerca de 12 mil estabelecimentos do gênero. Por lá, a cultura de correr para o bar para encontrar os amigos é uma tradição que se renova todos os dias com a abertura de novos espaços boêmios.

Conhecido como “caçador de botecos”, Eduardo Maya é um dos maiores entusiastas dos bares populares e o que define como “gastronomia de raiz”. A paixão por este universo é tanta que o *chef* é conhecido por seu envolvimento em eventos como o Comida Di Buteco e o Botecar – concursos que elegem os melhores estabelecimentos desse tipo no país. “Para mim, o boteco é uma extensão da casa da gente. É importantíssimo, quando você chega, ser atendido pelo dono, diferentemente de um bar, onde você tem um gerente, um cozinheiro e aquela coisa toda”, define. Na visão do especialista, o lugar está a cada dia mais distante da imagem pejorativa que tinha no passado, onde a fama de “cachaço” acompanhava os negócios. Sempre na dianteira de projetos ligados ao universo gastronômico de Minas Gerais, Maya é um ferrenho defensor da comida da região, uma das mais relacionadas com a cultura dos bares de rua. Afinal, botecos consagrados não deixam de oferecer itens clássicos do local, “Como torresmo crocante, mandioca frita e bolinho de carne”, acrescenta.



Tradicional prato de mocotó servido no restaurante do chef Rodrigo Oliveira

Para se sentir em casa

Com cara de botequim, o Mocotó – localizado na zona norte de São Paulo – é uma das casas mais disputadas da capital paulista quando o assunto é degustar petiscos com a alma e o sabor do Brasil. Nas mesas do restaurante, pratos como dadinhos de tapioca, queijo coalho com melado e asinhas de pintado empanadas fazem valer a longa fila de espera. Durante todos os dias da semana, os clientes ainda podem degustar bolinhos com uma pitada nordestina, entre preparos que levam mandioca, arroz e carne seca. De acordo com o *chef* Rodrigo Oliveira, a intenção do espaço – eleito como um dos 101 Melhores Bares do Mundo segundo a prestigiada *Newsweek Magazine* – é manter a pureza dos pratos, mas com um frescor original. “A gente não precisa de talher de prata ou taça de cristal. A nossa excelência se expressa de outras formas. A receita para manter um negócio por tanto tempo tem dois ingredientes: boa comida e hospitalidade”, afirma. Para criar o cardápio, o cozinheiro visitou mercados e feiras livres do Nordeste e ainda rodou quase 30 mil quilômetros pelo Brasil em busca de cachaças.

De portas abertas desde 1956, o Jobi tem um dos balcões mais famosos do Rio de Janeiro – e, de quebra, do Brasil. No meio do agito do Leblon, a casa reúne o que os turistas que chegam à cidade maravilhosa mais apreciam: quitutes típicos e bebida sempre gelada. Na parede do salão – sempre lotado, em qualquer hora do dia – é possível avistar as estrelas do disputado cardápio: empadinhas de frango, risoles de camarão, caldinho de feijão e bolinhos de bacalhau. O estabelecimento é comandado pelos irmãos portugueses Manoel e Narciso Rocha, que creditam o sucesso à relação apaixonada entre os frequentadores e os atendentes do lugar. “Os funcionários fazem parte do sucesso do Jobi. Os clientes conhecem os garçons pelo nome”, entregam os europeus, que souberam como ninguém cultivar a alma de um genuíno boteco nos mais simples detalhes: local sempre limpo e atendimento impecável. A fórmula do sucesso é reconhecida por um público eclético – composto por gente de todas as idades – já que os diversos prêmios conquistados pela dupla são ostentados por todos os cantos do local.



Moneo Revista indica: seis botecos para curtir a vida



QUIOSQUE CHOPP BRAHMA

CAXIAS DO SUL
Rua Coronel Flores, 749 – São Pelegrino

Perfeito para um happy hour com os amigos, o quiosque da Brahma sempre tem um choppinho bem gelado, servido a exatos 6°C, com colarinho cremoso e farto. Para acompanhar, o cardápio oferece pratos tradicionais de boteco, como frango à passarinho, calabresa acebolada e picanha grelhada com fritas.

JOBÍ

RIO DE JANEIRO
Avenida Ataulfo de Paiva, 1166 – Leblon

Sob o comando de dois simpáticos irmãos portugueses, o bar é considerado uma verdadeira instituição carioca. Mais que desejado no verão do Rio de Janeiro, o chope – sempre gelado e bem tirado – é servido em quatro tamanhos para matar a sede dos fregueses. Como “tira-gosto”, a pedida é saborear o pernil acebolado, o bolinho de bacalhau e o caldinho de feijão.

PATORROCO

BELO HORIZONTE
Rua Turquesa, 875 – Prado

Situado na região do Prado, o estabelecimento é decorado com objetos inusitados e fotos de trilhas feitas pelo proprietário, o chef Marcos Proença, apaixonado por esportes radicais. Entre os sucessos do cardápio está o famoso “Tutu Bola”, bolinho de tutu de feijão recheado com filé suíno e couve, coberto com torresmo e molho picante.



NATALÍCIO

PORTO ALEGRE

Rua Coronel Genuíno, 287 – Cidade Baixa

Um verdadeiro “point” da noite gaúcha, o bar é famoso por petiscos premiados em concursos nacionais, como suculentas coxas de galinha e costelinha de porco com mel defumado. Por lá, o verdadeiro chope é servido na “caldereta”, com dois dedos de colarinho e na temperatura ideal de acordo com as normas da Real Academia do Chopp.

MOCOTÓ

SÃO PAULO

Avenida Nossa Sra. do Lorêto, 1100 – Vila Medeiros

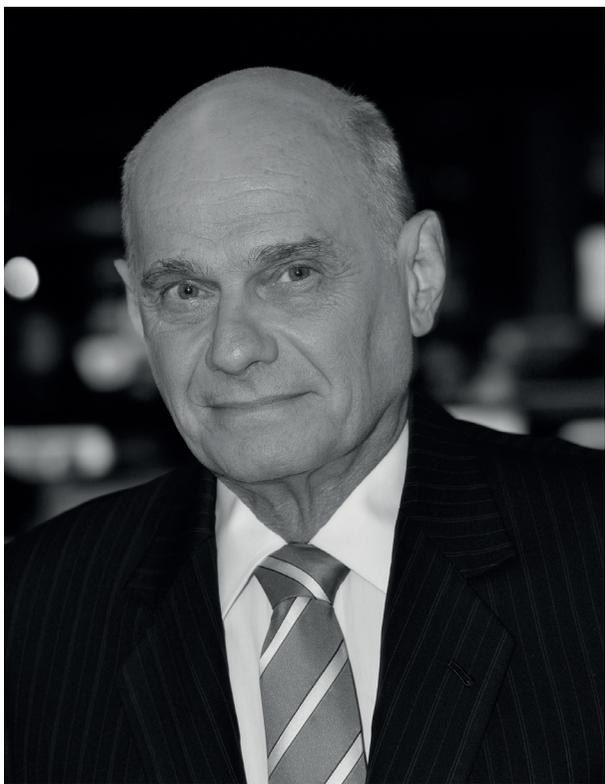
Famosa pela influência nordestina, a casa tem clientes assíduos. No cardápio, fazem sucesso o torresmo grande e carnudo – que vai à mesa cortado em pedaços – e o feijão de corda com caldo de linguiça e bacon. O menu segue com receitas do sertão introduzidas pelo fundador da casa, José de Almeida, e revisadas pelo filho dele, o *chef* Rodrigo Oliveira.

DONAEVA

SALVADOR

Rua Gilberto Freyre, s/n – Stella Maris

Com o título de um dos melhores botecos da capital baiana, o lugar fica no quintal da casa dos proprietários, o casal Wagner Lancellotti e Eva Santana. Entre os pedidos mais comuns está a chamada “Lambreta” – receita que exhibe moluscos preparados na manteiga com alho e ervas e gratinados com mussarela e parmesão. O som ao vivo de voz e violão anima o ambiente.



Ninguém tem a fórmula para tirar o Brasil da crise

(José Carlos Secco)

"O estado brasileiro precisa gastar menos, isso é inquestionável. Precisa gastar melhor, ser menos oneroso para a sociedade. Com isso, a própria sociedade vai tocar os meios de produção geradores de empregos e riquezas".



Em meio à alucinante seleção de temas para a formatação de uma edição de notícias que seria transmitida poucas horas depois, Ricardo Boechat aceitou atender a Moneo Revista. De forma elegante, um dos mais premiados jornalistas econômicos do Brasil deu a sua visão sobre a crise que o país enfrenta. Economia, política, transporte urbano e a relação entre Brasil e Argentina foram abordados pelo “Mestre do Jornalismo Brasileiro” nesta conversa.

Moneo Revista – O Brasil está passando por uma crise econômica bastante delicada. Como o país pode se reerguer, sair desse momento tão complicado?

Ricardo Boechat - Não tenho a fórmula para o Brasil sair da crise econômica. Nem eu, nem ninguém. Ela possui aspectos culturais, estruturais, globais e gerenciais. Algumas coisas são mais ou menos consensuais, mas uma delas é inquestionável: o Estado precisa gastar menos e melhor – ser menos oneroso para a sociedade. Com isso, a própria sociedade vai tocar os meios de produção geradores de empregos e riquezas, movimentando a economia naturalmente. Mas uma fórmula exata, fechada, com começo, meio e fim, isso ninguém tem, nem o próprio governo – embora a ele falte vontade política real de implementar essas coisas.

Outra medida que ajudaria é não ficar fazendo espuma, como o “Conselhão”, ou criar factoides, camuflando realidades com aquela visão fantasiosa a que Brasília induz muito bem. Alguns procedimentos de posturas e de gestão menos odiosos, propagandistas e de “oba-oba” também ajudariam. São coisas relativamente simples, que não demandam nada além de ações objetivas. Para mim, parece que até o

governo sabe o que é preciso para, pelo menos, não aprofundar a crise econômica do país – só falta botar a mão na massa e fazer.

MR – Como você define a atual situação da Petrobras?

RB – A Petrobras está navegando em uma crise colossal há mais de um ano, enfrentando problemas decorrentes de má gestão, desvios de verba e, ainda, fenômenos externos, como a queda na cotação do petróleo. O plano de reestruturação anunciado recentemente veio, justamente, para tentar tirar a estatal dessa situação. Está prevista uma pausa nos investimentos em águas profundas e um repasse de verbas maior às energias alternativas, visando melhores resultados e novos campos de atuação no futuro – logística para outros setores, por exemplo. A extinção da distribuição irresponsável de cargos de chefia dentro da própria empresa também foi anunciada como uma meta – 1.500 cargos de gerência devem ser cortados. É impressionante pensar que levaram um ano para descobrir que há muita gente na sala, que uma diretoria poderia ser fundida com outra para economizar dinheiro. Esse é um exemplo clássico para mostrar que muitas coisas podem ser feitas na caneta, bastando, para isso, decisão e coragem gerencial.

Outro anúncio notável foi o de que as indicações políticas dentro da empresa serão abolidas. Pago para ver isso acontecer. Mas, supondo que seja real e a curto prazo, seria surpreendente – uma prova de que muita coisa poderia ser feita independentemente de fatores considerados preponderantes ou incontornáveis.

MR – O Brasil também vive uma crise no âmbito político?

RB – Vive, e a situação política é ainda mais crítica do que a econômica. Gente da pior espécie está no Congresso apenas para se valer das imunidades e do poder que exerce sobre a máquina executiva. O caráter moral da relação entre a classe política e o Estado fica escancarado nas disputas que deputados, senadores e partidos realizam para indicar diretores financeiros de estatais, de fundos de pensão ou nomear chefes de fiscalização neste ou naquele órgão, que acontecem unicamente para controlar postos que mexem com dinheiro, contratos e multas. A conduta é típica de quadrilhas.

O objetivo é tirar proveito, indicar favoritos e superfaturar contratos. Veja a disputa que se trava entre os partidos para indicações de um diretor financeiro para os fundos de pensão, por exemplo. Por que os partidos brigam para indicar um diretor financeiro para um fundo de pensão?

Entendo que em Israel eles briguem para definir se mantêm a política de assentamento de territórios palestinos, uma política de questões programáticas, ideológicas, questões de fundo histórico. Entendo que se paralise um país em função de direções a serem tomadas pela nação. Mas aqui é diferente. Paralisa-se o país em função de briguinhas, por interesses banais, fúteis. É uma crise política resultante da péssima qualidade do material político que nós temos no Brasil. E não só no Congresso – no executivo e nas instâncias estaduais e municipais também. A crise atual talvez fosse inevitável pelo declínio da era petista, pela vitória por pequena margem



da Dilma nas últimas eleições e até pelo esgotamento do modelo político em vigor há 14 anos. Mas a crise que talvez fosse inevitável tornou-se crônica, alimentada por diversos grupos partidários que, ao mesmo tempo, apoiam e sangram o Governo, alimentando-se não apenas de sua força, mas, principalmente, de sua fraqueza.

MR – E como podemos mudar essa situação?

RB – Sair dessa crise é mais difícil, porque não é algo de agora. É um padrão histórico que vem sendo mantido há séculos nesse patamar desqualificado, sempre rodeado de interesses públicos.

Curioso é chamarmos isso de crise, como se outras vezes não tivéssemos enfrentado situações iguais ou parecidas. Basta analisarmos o padrão de conduta moral do Congresso da atual legislatura para percebermos que o que vivemos hoje não difere do padrão de outras épocas (nossos congressistas respondem a mais de 500 ações judiciais pelos mais diversos crimes). Por isso, costumo dizer – e afirmo: a escória da sociedade brasileira não está nos presídios, mas no Congresso Nacional. No entanto, estamos vivendo um momento único, com a discussão política transformada



as ocasiões em que temas desse universo tornaram-se prioritários no dia a dia dos brasileiros. As gigantescas manifestações de 13 de março mostraram não apenas a face popular de rejeição à Dilma e ao PT, mas algo que talvez signifique o amadurecimento político da população – uma população disposta a não mais aceitar o papel de mera pagadora de impostos, de figura secundária na cena nacional. Mas é preciso considerar que o desafio vai muito além da deposição da presidente e da derrota de seu grupo político.

Tenho esperança de que este novo Brasil haverá de surgir, mais dia, menos dia. Mas não vejo esse amanhecer num horizonte próximo. Enquanto esse dia não chega, é preciso acreditar. A crise atual é profunda, mas boa parte de seu combustível vem de fatos temporais, como a Lava Jato, o possível impeachment presidencial e até mesmo as cólicas da economia. Já superamos ditaduras, enfrentamos inflação anual de quase 1.000%, taxas de desemprego de dois dígitos. Já demos calote na dívida externa, já convivemos com governantes corruptos e depusemos presidente eleito pela via constitucional. Tudo que parece insolúvel ou letal nos tempos atuais já foi vivido e vencido pelos brasileiros. Não há porque ser diferente agora.

MR – Qual a situação atual da mobilidade urbana no Brasil?

RB – As cidades brasileiras são caóticas, marcadas por engarrafamentos, pelo baixo investimento histórico em transporte de massa e pelo predomínio do transporte individual. Por essas razões, a malha ferroviária que tínhamos foi eliminada – justamente quando o mundo todo caminhava para expandir a que possuía. Hoje você tem um eixo urbano de 33 ou 35 milhões de pessoas entre as duas principais regiões metropolitanas – São Paulo e Rio – sem uma ligação ferroviária. É um negócio ridículo. O Brasil é um país que investiu muito no seu projeto de industrialização automobilística, no qual todo mundo anseia ter um carro e muitos que já têm um querem dois. Por conta disso, qualquer visão aérea da hora do rush daqui é, talvez, tão caótica quanto à de outras grandes metrópoles – a diferença é que, nestas, a vista é aliviada pelo funcionamento a contento do transporte de massa. Um norte-americano que trabalha em Manhattan e reside em uma comunidade de classe média alta, vai e volta do serviço em uma hora, uma hora e dez minutos, sempre no mesmo tempo, no mesmo horário – diferente do que acontece aqui. O ônibus está inserido nesse contexto caótico das grandes cidades brasileiras mais como

vítima do que responsável. Aqui, não há prioridade para o transporte público e o cidadão perde tempo precioso não porque mora distante, mas porque o trânsito é impossível. Mesmo com intervenções como os corredores expressos que estão sendo construídos e outros avanços com investimento, vontade e apoio precários, estamos mais próximos do cardápio de problemas do que das soluções.

MR – O ônibus seria a solução para os problemas de mobilidade brasileiros?

RB – O ônibus não pode ser apontado como a melhor solução de todas porque a melhor, sem dúvida, é o transporte ferroviário – principalmente o subterrâneo. Mas isso é oneroso, difícil de ser concretizado. Na nossa realidade de orçamento, o ônibus se impõe como a melhor solução a curto prazo para problemas de mobilidade urbana.

MR – Como você enxerga a atual situação política da Argentina?

RB – Vejo positivamente, porque é inegável que o “kirchnerismo”, assim como o petismo no Brasil, cumpriu um ciclo – e esse ciclo foi benéfico para a história. É bom que eles se esgotem até para eventualmente poderem começar em outro período, se for o caso. Acho

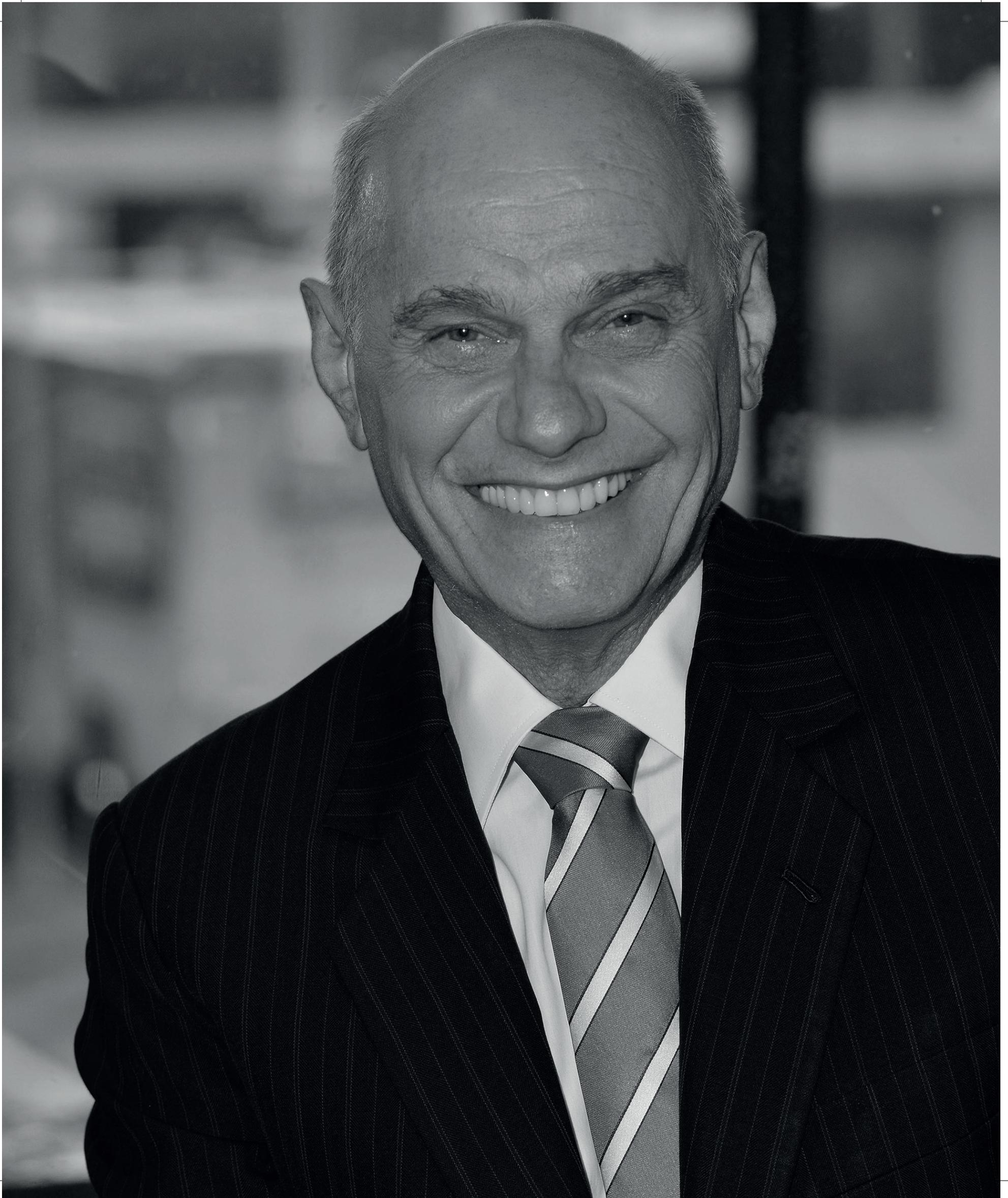


que o ato democrático de arejar o processo político, não mantendo sempre os mesmos grupos no poder, é, por si só, saudável. Não quero analisar ideologicamente (sobre a eleição do também argentino Mauricio Macri), até porque a ideologia é algo que está em quinto plano hoje na demanda da sociedade frente o Estado. Acho bom pela mudança. Não me agradava a imagem da Cristina como gestora, como figura pública. Nunca me agradou. A Argentina tem a peculiar característica de fazer um culto a determinadas pessoas e legados de quase um século, como o "peronismo". Vamos virar essa página, olhar para a frente, tocar a vida. Já passou da hora de abandonar um pouco esse compromisso com o passado.

MR – Sobre uma possível parceria entre Brasil e Argentina, qual a sua opinião?

RB – Acho que o desejo de sinergia se aplica a todo o bloco sul-americano. Todos reconhecem que as economias nacionais no nosso continente poderiam avançar um pouco mais, mas os gestores são fracos, despreparados. Muito por conta disso, temos um bloco econômico ridículo, onde as coisas não andam como deveriam. Outros blocos se formaram antes e depois do Mercosul e prosperaram muito mais. Atualmente, existe sinergia entre as economias nacionais da América do Sul, mas os gestores, de quinta categoria, são muito ruins.





R I C A R D O
B O E C H A T ,
U M D O S
J O R N A L I S T A S
M A I S
P R E M I A D O S
D O B R A S I L

Informação com clareza e precisão. Crítica com respeito, embasamento e absoluta segurança. Assim é o jornalismo de Ricardo Boechat, profissional multimídia que atualmente anuncia e comenta acontecimentos de todo o mundo no Jornal da Band, na Rádio Band News e na revista IstoÉ.

Com carreira iniciada na década de 1970, no jornal Diário de Notícias, teve o mérito de trabalhar com Ibrahim Sued, responsável por consagrar a atividade de colunista social no país. Logo depois, assumiu a sua própria coluna no jornal O Globo e, posteriormente, no Jornal do Brasil, onde ficou reconhecido por ser o primeiro a anunciar grandes acontecimentos – tanto que sua figura profissional passou a ser associada à do “repórter que sabe coisas antes da concorrência”. No Grupo Bandeirantes, vive sua primeira experiência em rádio – motivo de grande realização pessoal há dez anos. Desde então, tornou-se referência em termos de imagem, comunicação e jornalismo dinâmico, através da TV e do Rádio Band News.

O trabalho que desenvolve com a transmissão das notícias sobre os acontecimentos é admirado e reconhecido pelo público e por colegas de profissão, que o elegeram o primeiro Mestre do Jornalismo Brasileiro pela conquista de 13 Prêmios Comunique-se – coleção iniciada em 2006 e que em 2015 o coroou como o mais respeitado profissional da categoria no Brasil.

Rio, eu gosto de você

No ano em que se prepara para receber os Jogos Olímpicos, a capital mais bela do país oferece atrações imperdíveis por todos os lados

Praia de Ipanema, Rio de Janeiro.



Uma cidade não é chamada de “maravilhosa” por acaso. Em cada esquina do Rio de Janeiro, o adjetivo se revela entre o verde dos morros e o azul do mar, e tudo se torna um convite para dias de puro encantamento. Com uma beleza mais que privilegiada, a capital fluminense reserva atrações imperdíveis – e que vão muito além do imponente Cristo Redentor e do espetacular Pão de Açúcar. Pelas ruas, é

permitido “cariocar”, ou seja, aproveitar com intensidade as rodas de samba, ficar à toa caminhado pela orla e se esbaldar em alguns dos botecos mais famosos do Brasil. Aos 450 anos, a cidade ainda tem muita história para contar e, de marco da colônia a sede do império português, revela a riqueza de um passado que faz parte de alguns dos capítulos mais importantes da trajetória tupiniquim.

No embalo dos Jogos Olímpicos – que movimentarão o país durante todo o mês de agosto – o destino está mais em alta do que nunca e, depois de se transformar em um verdadeiro canteiro de obras, mostra uma exuberância que pode ser admirada de todos os ângulos – entre banhos de mar e passeios pelos calçadões.

No roteiro de quem chega ao Rio de Janeiro, dar um mergulho em uma de suas praias mais famosas é passeio obrigatório. Na lista de recantos cariocas, Copacabana segue imbatível na preferência dos turistas – que lotam a região durante todo o ano. Pelas inesquecíveis calçadas da charmosa “princesinha do mar”, é impossível não se deslumbrar com a natureza generosa – ainda mais vista do alto do Museu Histórico do Exército – bem como a elegante arquitetura art déco que toma conta das ruas. Em frente à orla mais famosa do mundo, o hotel Copacabana Palace impressiona com sua construção

glamourosa e que remete diretamente ao charme dos anos 50. Ao ostentar cinco estrelas, o prédio – construído entre 1919 e 1923 – é conhecido por receber artistas internacionais, além de ser palco de grandes eventos. Um pouco fora do circuito tradicional, o Beco das Garrafas – uma pequena travessa sem saída da rua Duvivier – também merece uma visita. Por lá, grandes nomes da música popular brasileira, como Sérgio Mendes, Baden Powell, Elis Regina e Wilson Simonal, começaram as suas carreiras.



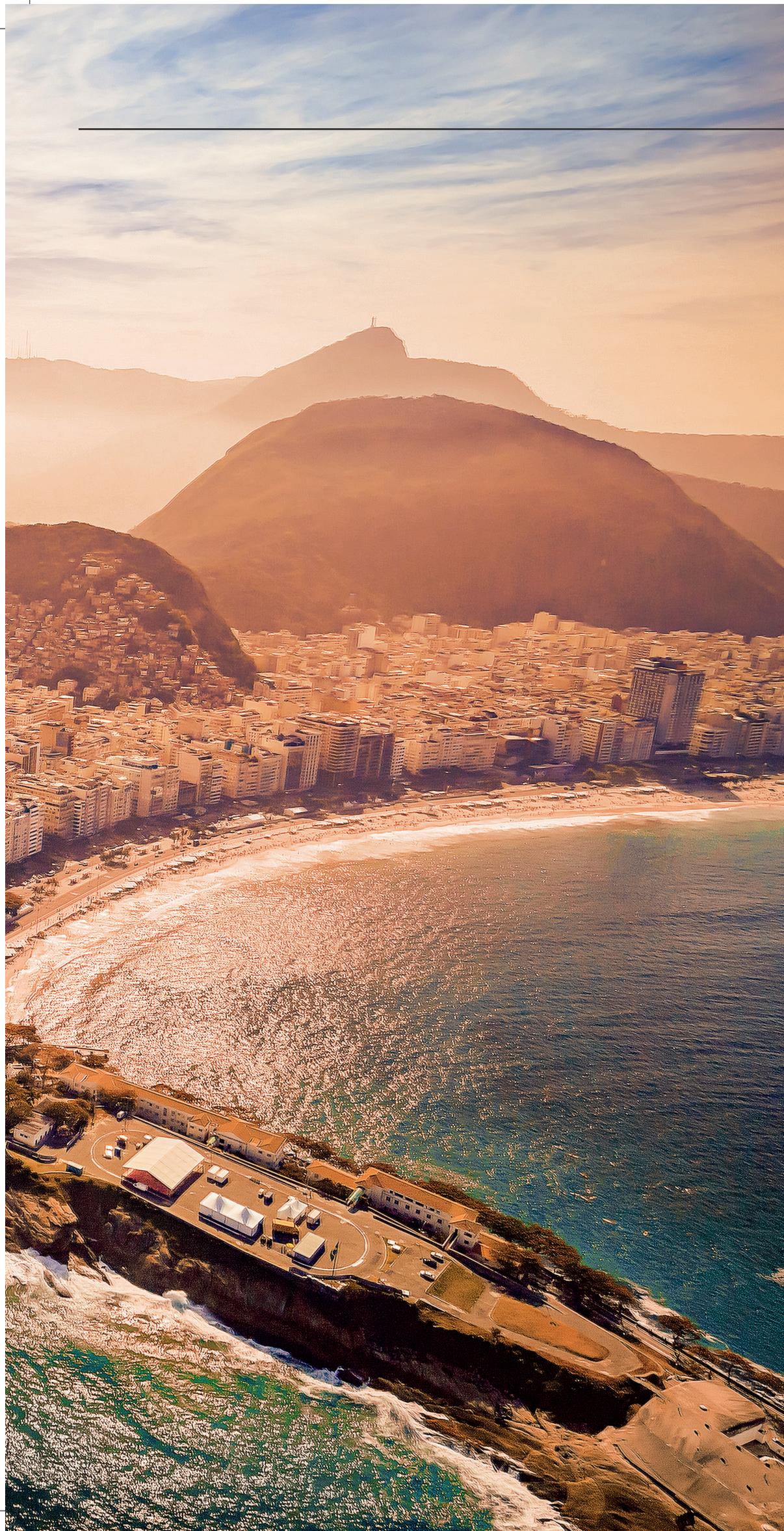




Vista aérea noturna da cidade maravilhosa.







Os belos cartões postais de Ipanema também não devem ficar de fora dos *tours* pela cidade maravilhosa. Muito além da praia, a preferida dos esportistas amadores, a região é conhecida pelo antigo Bar Veloso – atualmente chamado Garota de Ipanema – local icônico onde os músicos Vinícius de Moraes e Tom Jobim avistaram Helô Pinheiro a caminho do mar e compuseram uma das canções mais icônicas da bossa nova. O passeio pela área não deve terminar sem uma das atrações mais famosas do Rio de Janeiro: o pôr do sol admirado de cima do Arpoador. Do alto das pedras, é possível ter uma vista panorâmica da praia e do Leblon com o morro Dois Irmãos ao fundo. No concorrido Posto 9, gente de todas as tribos se aglomera – o público LGBT se encontra em frente à rua Farne de Amoedo, os atletas se juntam na altura da Joana Angélica e os modernos ficam entre as ruas Vinícius de Moraes e Maria Quitéria. Em frente à praia fica localizado o belo arquipélago das Cagarras, que pode ser visitado de barco a partir da Marina da Glória.

Vista aérea da praia de Copacabana.



Cartão postal irretocável

Nem só de praias badaladas vive o Rio de Janeiro. Pela cidade, muitas atrações disputam o olhar dos turistas – em especial as que desnudam as belezas naturais e exaltam a rica cultura local. O principal cartão-postal da cidade é o Cristo Redentor, monumento que mereceu uma posição nobre na lista de maravilhas do mundo moderno. Inaugurada em 1931, a imagem – que fica no alto do Corcovado, a 700 metros de altitude – é considerada a maior estátua em estilo art déco do planeta.

O Pão de Açúcar é outro passeio indispensável para quem chega à capital fluminense. A emoção começa bem antes de se alcançar o

topo do morro, localizado a 400 metros acima do nível do mar, com uma viagem de bondinho, teleférico envidraçado que apresenta detalhes e ângulos únicos da geografia carioca. A primeira parada é feita no Morro da Urca, a 220 metros de altitude, de onde é possível avistar a Baía de Guanabara e a enseada de Botafogo. Na segunda e última parada, o visual panorâmico apresenta grande parte da orla da zona sul e do município vizinho de Niterói.

O charmoso centro histórico da cidade também merece uma visita, especialmente dos que apreciam a bela herança da arquitetura portuguesa. Para entrar no clima nostálgico,



Vista aérea do Rio de Janeiro e o Cristo Redentor.

uma boa pedida é começar o passeio por um dos mais glamourosos prédios da cidade: o Theatro Municipal, construção inspirada na Ópera de Paris e inaugurada em 1909. Em seu interior estão arcadas, colunas e escadarias de mármore, esculturas em bronze e vitrais importados da Europa. Para reviver os tempos da *Belle Époque*, ainda vale uma parada na Confeitaria Colombo, famosa casa que abriu suas portas em 1894 e que teve como clientes nomes como Chiquinha Gonzaga, Rui Barbosa e Olavo Bilac. Ainda na região central, a dica é admirar os famosos arcos da Lapa, antigo aqueduto construído para funcionar nos tempos do Brasil colonial e que, desde 1896, serve como

via para o bonde que liga o centro ao bairro de Santa Teresa. Como sinônimo da boemia, o lugar é conhecido pelas rodas de samba, ritmo que domina a programação nas casas instaladas nos belos sobrados.

No embalo da maior competição esportiva do mundo, o Rio de Janeiro ainda oferece uma atração e tanto: o Museu do Amanhã. Em um inusitado prédio projetado pelo arquiteto espanhol Santiago Calatrava no Pier Mauá, o espaço é dedicado às ciências, mas com um formato diferente dos museus de história natural ou de tecnologia já conhecidos. No local, os visitantes são convidados a vivenciar

diversos tipos de experiência – a partir de escolhas pessoais, cada indivíduo pode perceber como deve ser o futuro, a sua vida e a do planeta nos próximos 50 anos. O museu – uma iniciativa da Prefeitura do Rio e da Fundação Roberto Marinho – explora as possibilidades do amanhã nos campos da matéria, da vida e do pensamento, além de debater diversos tipos de questões, como mudanças climáticas, crescimento e longevidade populacionais. De acordo com os organizadores, é um abrigo para que “o homem possa trilhar o caminho do imaginário e realizar, de forma mais consciente e ética, suas escolhas para o futuro”.

Arena moderna

Pela primeira vez sediados em um país da América Latina, os Jogos Olímpicos prometem agitar a rotina do Rio de Janeiro. O evento – que acontece de 5 a 21 de agosto – deve receber nada menos do que 10 mil atletas, que devem disputar 42 modalidades. Ao todo, quatro regiões da cidade receberão a movimentação: Deodoro, Maracanã, Barra da Tijuca e Copacabana. O Parque Olímpico – cujo letreiro gigante já virou “point” entre moradores e visitantes – conta com três arenas para a prática de diversos esportes, assim

como um impressionante estádio aquático, um centro de tênis e um velódromo, onde ocorrem provas de ciclismo. Um campo de golfe – que depois do evento deve ser aberto ao público com o objetivo de incentivar a prática no país – também será montado no local. O estádio mais famoso do Brasil receberá as cerimônias de abertura e encerramento do campeonato, assim como algumas partidas de futebol. Já o Maracanãzinho será o palco do voleibol, enquanto a maratona e o tiro com arco tomarão conta do Sambódromo.

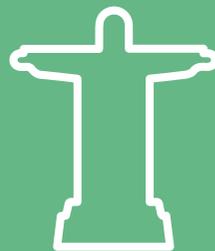


Letreiro gigante na entrada do Parque Olímpico.



Na palma da mão

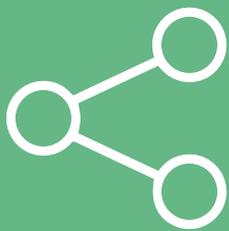
Que tal explorar o Rio de Janeiro com um simples toque no celular? Para facilitar a vida de quem se rende aos encantos da cidade maravilhosa, a Moneo Revista indica três aplicativos essenciais repletos de dicas imperdíveis! E o melhor: são todos gratuitos!



R I O A O
V I V O

Em tempo real, o aplicativo transmite a situação de diferentes pontos da cidade, através de câmeras. Em vez de passar por vários lugares para checar o movimento das atrações turísticas ou circular por toda a orla carioca em busca do melhor lugar na areia, o aplicativo faz isso pelos usuários. De quebra, o serviço ainda oferece dicas do que fazer, aonde ir e como aproveitar da melhor forma cada canto da cidade maravilhosa.

Disponível para Android e iOS



G L I O

O Glio é uma espécie de rede social que funciona como um guia informal do Rio de Janeiro. No aplicativo, abastecido pelos próprios usuários, é possível encontrar dicas de restaurantes, bares e lojas espalhados pela cidade. O ranking dos melhores estabelecimentos e atrações é feito por quem usa o serviço. Através do recurso, os turistas ainda descobrem quais são os estabelecimentos mais próximos, com endereço, telefone e horários de funcionamento.

Disponível para iOS



R I O G U I A
O F I C I A L

Criado e mantido pela Secretaria Municipal de Turismo (Riotur), o serviço recomenda hotéis, restaurantes e bares – e ainda mostra a agenda cultural da cidade, com eventos e programação oficial. Além disso, pela tela do celular é possível conferir os pontos turísticos da capital fluminense com preços e horários detalhados. O aplicativo é considerado o serviço para turistas mais completo do Rio de Janeiro.

Disponível para Android e iOS

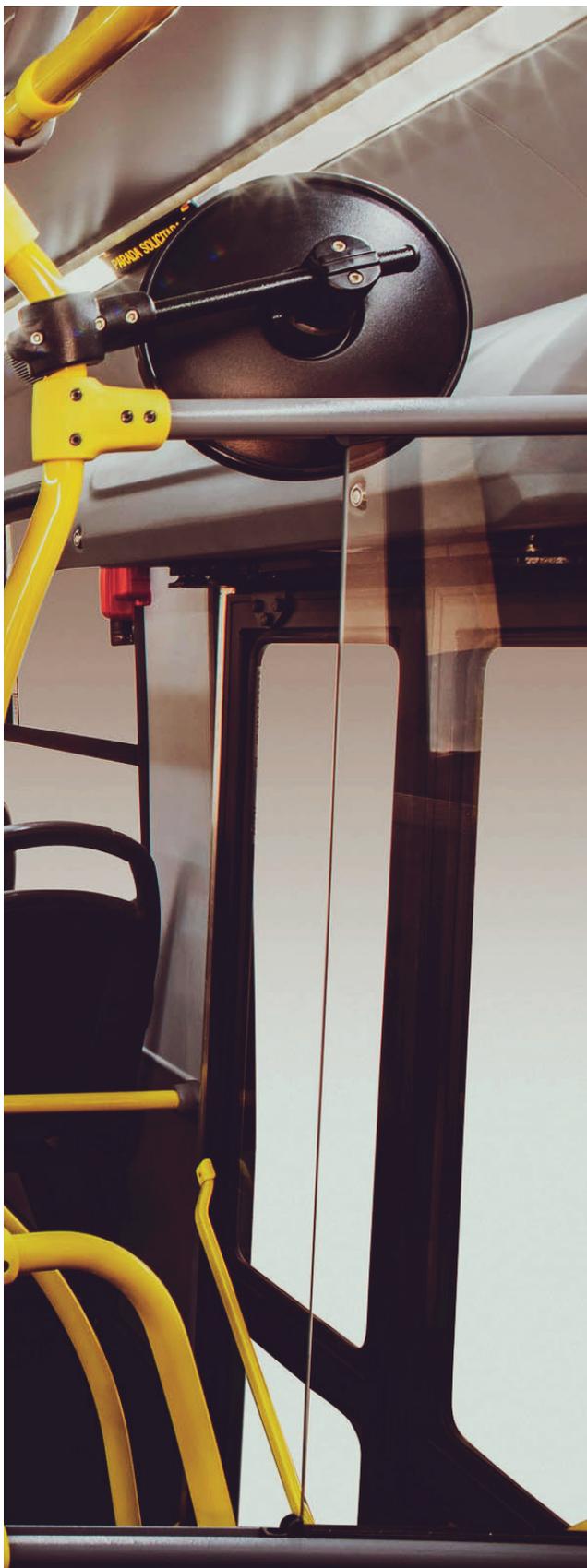
Transporte público é rotina na vida de milionários e bilionários na Europa e nos Estados Unidos

(Adamo Bazani, jornalista especializado em transportes)

Enquanto isso, o Governo brasileiro insinua que estar em um carro é sinônimo de crescimento







“País rico não é aquele em que pobre anda de carro, mas aquele em que o rico anda de transporte público.” A frase é bastante conhecida por aqueles que acompanham o assunto mobilidade urbana e foi usada repetidas vezes por líderes como Henrique Peñalosa Londoño, ex-prefeito de Bogotá e principal personagem da implantação do sistema de ônibus Transmilenio, responsável por uma drástica mudança no transporte de capital colombiana e, principalmente, pela reorganização de seu espaço urbano.

Inspirado nos corredores de ônibus criados na década de 70 em Curitiba, o sistema Transmilenio enfrentou forte resistência no ano 2000, quando foi inaugurado – nesse mesmo período, os índices de rejeição a Peñalosa atingiram recordes. Mas bastaram alguns meses para a população perceber que o investimento em transporte coletivo é, de fato, o caminho mais indicado para dar a preferência do espaço público às pessoas.

Com o passar das décadas, a pauta transporte coletivo ganhou a mídia. Em fevereiro deste ano, diversos sites de notícias divulgaram um levantamento denominado, em tradução livre para o português, “Veja como sete dos maiores bilionários levam uma vida simples”. Na relação, encontramos relatos de grandes empresários que se utilizam do transporte coletivo em suas

rotinas. Entre eles, Ingvar Kamprad, fundador da IKEA, gigante moveleira da Europa. “No dia a dia, ele usa ônibus para chegar ao escritório, mesmo tendo no banco US\$ 39,3 bilhões. Considerado o segundo homem mais rico da Europa, Kamprad almoça na cantina da empresa, ao lado dos funcionários, e seu carro é um Volvo, modelo antigão.”, diz o texto. Outro exemplo citado é o do ex-prefeito de Nova York, o empresário Michael Bloomberg, que frequentemente é flagrado em metrô e ônibus a caminho do trabalho.

Enquanto esses relatos podem gerar espanto para os brasileiros, em seus países eles sequer são notícia. Pelo contrário: não passam de cotidiano. Muitos afirmam que isso acontece devido à qualidade superior do transporte coletivo desses países – notavelmente melhores que o nosso. Pode ser verdade, mas vale a reflexão: esses bilionários poderiam continuar andando em seus próprios carros e helicópteros em vez de acreditarem no transporte público. Felizmente, não o fazem.

Também é legítima a afirmação de que o contexto violento das cidades brasileiras não permitiria que pessoas tão ricas usassem o transporte público, afinal, tem sido comum perder a vida por um simples celular - muitas vezes em ônibus, trens ou até mesmo nas paradas.





Mas a questão também não é só a infraestrutura da cidade ou do transporte. No Brasil, ainda predomina a imagem de que usar transporte coletivo é coisa de pobre ou de pessoas fracassadas. Há uma enorme barreira social e cultural entre aqueles que precisam usar os ônibus e trens e aqueles que possuem uma renda mais alta. Por isso que, por exemplo, implantar uma faixa de ônibus em um bairro mais nobre, como ocorreu recentemente na Avenida Giovanni Gronchi, em São Paulo, ou construir uma estação de metrô em regiões

como Higienópolis, também na capital paulista, são ações que sofrem muito mais resistências culturais do que propriamente técnicas.

Apesar do transporte coletivo no Brasil ainda estar muito longe dos padrões da Europa e dos Estados Unidos, em algumas regiões (ironicamente nas mais nobres) há uma oferta de relativa qualidade e quantidade. Contudo, a demanda não corresponde. O que parece, na verdade, é que as pessoas de classes mais altas não querem "se misturar".



Essa cultura tem raízes históricas. Entre elas, os incentivos à indústria automobilística no Brasil, que fizeram do carro um símbolo de status. Esse discurso propagandista também ocorreu na Europa e na América do Norte, mas, nessas regiões, a bagagem cultural permite que as pessoas não se sintam superiores ou inferiores apenas por terem um carro.

Ao longo do tempo, os próprios administradores públicos usaram o carro como sinal de que as pessoas estão ascendendo economicamente e

saindo da pobreza. Um exemplo clássico disso é um comercial de TV do plano Brasil Sem Miséria, do Governo Federal, de 2011. Em um dos trechos, que diz que 28 milhões de brasileiros saíram da pobreza e 36 milhões ingressaram na classe média, a imagem escolhida para ilustrar a mudança é de um homem em um ônibus com a expressão cansada e abatida e, posteriormente, em seu próprio carro, com uma cara satisfação. Curioso, não?!

Do alto do pódio

Pela primeira vez realizados em um país da América Latina, os Jogos Olímpicos devem trazer recordes de medalhas para o Brasil

Treinar, treinar e treinar. Esta tem sido a intensa rotina dos atletas brasileiros rumo aos Jogos Olímpicos Rio 2016, maior competição esportiva do mundo que acontece na "cidade maravilhosa" entre os dias 5 e 21 de agosto. Mais do que garantir um lugar no pódio, os guerreiros de uniforme verde e amarelo se preparam para cumprir uma importante missão: colocar o Brasil entre os dez primeiros colocados no cobiçado quadro de medalhas. Para os Jogos Paraolímpicos, o objetivo é ainda mais ambicioso e a esperança é que o país encerre a participação entre os cinco primeiros, um resultado igualmente inédito. As metas

são do Comitê Olímpico do Brasil (COB), que espera superar com entusiasmo a marca de 22 medalhas conquistadas no evento de Londres, em 2012.

Para garantir o maior número possível de ouros, pratas e bronzes, a entidade monitorou, nos últimos anos, o desempenho de mais de 200 atletas de modalidades distintas. De acordo com o Ministério do Esporte, desde 2013 foram investidos mais de R\$ 1 bilhão nos esportistas brasileiros e em suas respectivas equipes. Os valores são provenientes de fundos federais



– com espaço para patrocínio de empresas estatais. “A nossa meta é ganhar medalhas em pelo menos dez modalidades diferentes, sendo que a média atual é de apenas sete. O planejamento tem dois verbos: tornar e manter – tornar o Brasil uma potência olímpica e manter os títulos em 2020, 2024, 2028...” , destaca o superintendente do COB, Marcos Vinícius Freire. O incentivo vem prioritariamente através do chamado “Programa Pódio”, iniciativa que incluiu uma nova categoria para programa “Bolsa Atleta” – o chamado “Bolsa Pódio”, cujos montantes investidos no aperfeiçoamento de

cada atleta contemplado variaram entre R\$ 5 mil e R\$ 15 mil ao longo dos dois últimos anos. Além disso, o “Plano Brasil Medalhas” ainda ofereceu recursos importantes para a aquisição de equipamentos esportivos, contratação de equipes multidisciplinares e para apoio a treinamentos e competições no Brasil e no exterior. Confira as categorias em que, segundo os organizadores, o Brasil tem maiores chances de vitória. Afinal, não custa nada torcer para os atletas subirem ao pódio em casa, não é mesmo?



ESPORTES

OLÍMPICOS



GINÁSTICA

ARTÍSTICA

Apesar das dificuldades enfrentadas nos últimos anos, o esporte conta com uma grande aposta: Arthur Zanetti. O favorito entre os atletas da modalidade domina a competição nas argolas, sendo o atual campeão olímpico e mundial. A lista de possíveis medalhas ainda conta com os nomes de Sérgio Sasaki, primeiro brasileiro a chegar a uma final no individual durante os Jogos Olímpicos de Londres, e Diego Hypólito, dono de dois ouros no solo do campeonato mundial.



FUTEBOL

Ainda em busca de um título inédito para sua coleção de conquistas internacionais, a Seleção Brasileira é uma das favoritas da modalidade. Ao disputar a medalha de ouro em casa – mais precisamente no mítico estádio do Maracanã – a equipe tem uma responsabilidade e tanto: reestabelecer a força do futebol “made in Brazil”. Com o atacante Neymar como destaque, o time espera superar o rendimento do evento anterior – em 2012, o país ficou com a prata, perdendo a final para o México – e alcançar o sonhado primeiro lugar.



ATLETISMO

No esporte que oferece o maior número de medalhas nos Jogos Olímpicos – são várias as modalidades em disputa – o Brasil tem boas chances de subir ao pódio. Entre os destaques, está a campeã mundial e pan-americana Fabiana Murer, que deve de destacar no salto com vara. Além dela, o bicampeão mundial indoor Mauro Vinícius da Silva também merece a atenção da torcida no salto em distância. A expectativa também recai sobre Marilson dos Santos, quinto colocado em Londres na maratona e nas provas de revezamento 4x100m.



JUDÔ

É o esporte no qual o Brasil tem mais atletas em condições de buscar medalhas. Nenhum deles é favorito absoluto na busca pelo ouro, mas muitos têm grandes resultados e estão bem no ranking mundial. Além de contar com a campeã Sarah Menezes e com os três medalhistas de bronze nas Olimpíadas de Londres – Felipe Kitadai, Mayra Aguiar e Rafael Silva – a equipe ainda tem grandes chances com Rafaela Silva, primeira brasileira campeã mundial, e Tiago Camilo, dono de uma prata e um bronze olímpico.



VELA

Com recorde de medalhas olímpicas para o país – Torben Grael e Robert Scheidt conquistaram cinco cada um – o esporte segue como destaque brasileiro. Enquanto Grael é o técnico da equipe brasileira, Scheidt segue competindo na classe Laser e lutará por mais um pódio em 2016. Martine Grael e Kahena Kunze, campeãs mundiais na classe 49er Fx e eleitas as melhores velejadoras do mundo em 2014, são esperança de medalha, assim como Jorge Zarif, campeão mundial da classe finn.



VÔLEI

No vôlei de quadra, as seleções masculina e feminina devem brigar por medalhas, embora as mulheres tenham mais chances de levar o ouro. A equipe é comandada por José Roberto Guimarães, técnico campeão olímpico, e conta com as bicampeãs Sheilla, Fabiana e Jaqueline. No caso dos homens, o time de Bernardinho chegou às últimas três finais dos Jogos Olímpicos – levou o ouro em Atenas 2004 e a prata em Pequim 2008 e Londres 2012. Se as equipes brasileiras são fortes, pode-se dizer o mesmo da concorrência. Em ambos os casos, o Brasil enfrenta forte concorrência de seleções como Estados Unidos, Rússia e Itália.



VÔLEI DE PRAIA

Desde a estreia do esporte nos Jogos Olímpicos em 1996, em Atlanta, o vôlei de praia sempre trouxe medalhas para o Brasil – são 11 no total. Em 2016, a tendência é que os bons resultados se repitam. Na categoria feminina, a dupla Juliana e Maria Elisa é líder do ranking e nesta temporada já conquistou quatro medalhas de prata e uma de bronze no circuito mundial. No masculino, Ricardo e Emanuel, campeões em Atenas 2004 e medalhistas de bronze em Pequim 2008, estarão juntos mais uma vez.



MARATONA AQUÁTICA

Com pouca tradição no quadro de medalhas verde e amarelo – e geralmente ofuscado pela natação – o esporte promete surpreender durante os Jogos Olímpicos. No feminino, o Brasil conta com duas das melhores nadadoras do mundo na prova olímpica de dez quilômetros: Poliana Okimoto e Ana Marcela Cunha, que conquistaram o ouro e a prata, respectivamente, no campeonato mundial de 2013. Entre os homens, o principal nome é Allan do Carmo, campeão da Copa do Mundo de 2014.



NATAÇÃO

Sempre com provas empolgantes e que despertam a atenção do público, a modalidade já tem tradição em levar o Brasil ao pódio nos Jogos Olímpicos – até Londres, em 2012, foram 13 medalhas conquistadas. O nadador César Cielo segue como principal destaque da equipe brasileira nas piscinas – com duas medalhas de ouro no mundial de 2013, mostrou que vai concorrer forte nos 50 metros livre e nos 50 metros borboleta. Além dele, o campeão mundial e pan-americano Thiago Pereira também tem boas chances de medalha.



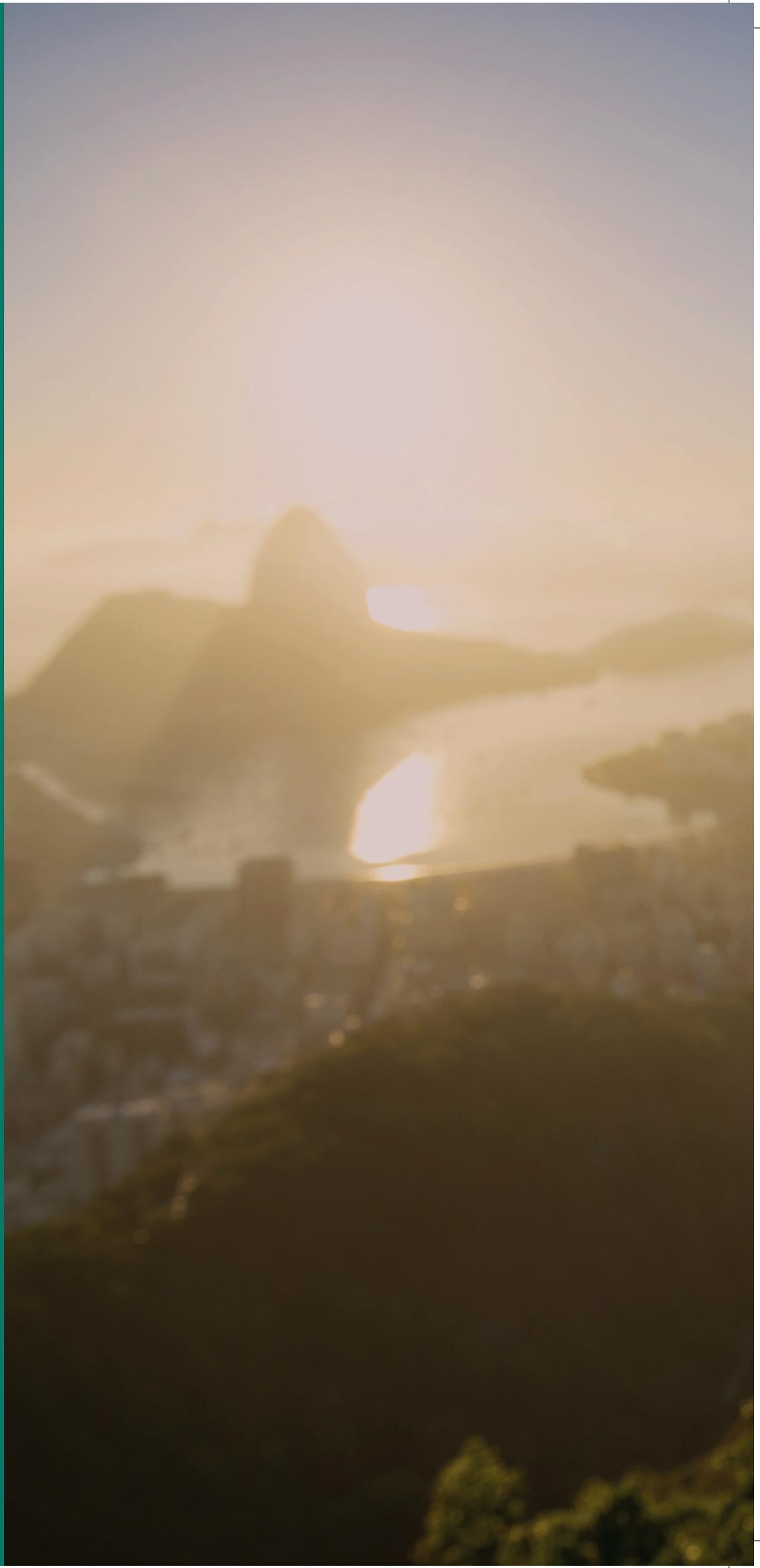
HANDEBOL

A seleção feminina de handebol é a atual campeã mundial do esporte – conquistou o título inédito em 2013 e espera manter a boa fase para superar a campanha dos Jogos de Londres, em 2012, quando ficou em sexto lugar, sua melhor colocação na história. Para a competição do Rio de Janeiro, o time brasileiro conta com trunfos importantes, em especial Alexandra Nascimento e Duda Amorim, eleitas as melhores jogadoras do mundo em 2012 e 2014, respectivamente.

OS JOGOS OLÍMPICOS RIO 2016 EM NÚMEROS

- >> Já foram realizadas 27 edições dos Jogos Olímpicos – a maioria disputadas na Europa.
- >> Ao todo, participam desta edição 10.500 atletas de 46 países.
- >> Em 17 dias serão disputadas 306 medalhas: 136 femininas, 9 mistas e 161 masculinas.
- >> No geral, 42 esportes serão praticados.
- >> Na lista de novas modalidades, estão o golfe e o rugby, que retornam ao evento depois de 112 e 96 anos respectivamente.
- >> O Rio de Janeiro oferece 32 locais de competição, espalhados em quatro regiões: Deodoro, Maracanã, Copacabana e Barra.
- >> Até maio, terão sido realizados 39 eventos-teste na capital fluminense.
- >> A organização está disponibilizando 7,5 milhões de ingressos – a maioria com valores de até R\$ 70,00.
- >> Para que tudo saia perfeito, o evento conta com 45 mil voluntários, 85 mil colaboradores terceirizados e 6,5 mil funcionários.
- >> A competição conta com dois mascotes: Tom e Vinícius, personagens cujos nomes remetem a Tom Jobim e Vinícius de Moraes, ícones da bossa nova.

Fonte: COI (Comitê Olímpico Brasileiro)





Agir para nao ser desdenhado

**(Antonio Ferro
Revista AutoBus)**

A crise da mobilidade urbana continua dando o que falar, e as soluções aos problemas precisam ser apresentadas. O Brasil precisa agir



As médias e grandes cidades brasileiras ainda sentem, no seu dia a dia, os efeitos negativos causados pelo uso excessivo do automóvel, pela falta de organização dos serviços de entregas de cargas e pela carência de investimentos no transporte público.

Com o anúncio do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014, o tema mobilidade urbana caiu nas graças da mídia e de inúmeros debates que pautaram tais questões como algo necessário para um desenvolvimento mais sustentável. Infelizmente, boa parte das melhorias prometidas como "legado da Copa" não passaram de tímidas tentativas de transformação, principalmente em relação ao transporte coletivo e à mobilidade.

Podemos tomar como exemplo os serviços de ônibus, que deveriam ter sido modernizados, mas pouco evoluíram. Em grande parte do Brasil, as mudanças ficaram na promessa ou seguem como projetos inacabados até hoje – consequências da falta de comprometimento governamental e da incapacidade técnica de enxergarmos o ônibus como uma solução viável ao transporte público.

Das capitais que efetivamente tentaram modernizar o sistema, Belo Horizonte e Rio de Janeiro foram duas das que avançaram, com a implementação de corredores rápidos, pensados para facilitar o cotidiano de seus habitantes. As medidas não solucionaram os problemas dessas cidades, levando em

conta suas gigantescas proporções, contudo, representaram um grande avanço diante do cenário anterior.

A cidade do Rio de Janeiro, vale mencionar, construiu corredores exclusivos para ônibus e tem se destacado na melhoria de sua mobilidade urbana. Atualmente, dois sistemas de ônibus estão funcionando e, aproveitando a proximidade dos Jogos Olímpicos, mais um deve ganhar vida em breve. No modal férreo, o centro da cidade será contemplado com um sistema de VLT (veículo leve sobre trilhos), integrado a outros modais.

Exercícios como esses, visando o transporte público e a mobilidade urbana, precisam deixar de ser temática de seminários, congressos e



debates para ter sua importância explorada na prática. O segmento precisa ser visto pela opinião pública como o grande indutor de um desenvolvimento apoiado no planejamento, onde as decisões precisam ser dinâmicas e fundamentadas nos princípios de projetos viáveis e eficientes. Nesse modelo, não se questiona a posse do automóvel, e sim o seu uso racional.

Se analisarmos, a falta de mobilidade urbana que assola o Brasil gera altos custos a todos nós. Apenas em 2013, nas duas maiores cidades brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro), estima-se que foram gastos R\$ 98 bilhões com a queima extra de combustível em congestionamentos.

Outros estudos ainda apontam que, nos últimos 15 anos, os serviços de ônibus urbanos, de uma maneira geral, perderam entre 20 e 30 milhões de usuários, a nível nacional, em virtude dos congestionamentos e do incentivo ao transporte individual. Para reverter esse quadro negativo,

é necessário fixar prioridades ao modal e ao transporte coletivo, entendendo-os como fatores determinantes para o futuro das cidades. Faixas e corredores exclusivos, além dos sistemas de BRT (no português Trânsito Rápido de Ônibus), são exemplos de ações que trazem ganhos operacionais, ambientais e de qualidade de vida para as pessoas.

Nesse contexto, é preciso avaliar a evolução tecnológica dos ônibus. Hoje, temos veículos caracterizados pela inovação à nossa disposição, com itens que melhoram a relação conforto, acessibilidade e serviços. Podemos encontrar carrocerias extremamente modernas, com design elegante (semelhante aos bondes modernos), configuração interna diferenciada, com maior segurança e conforto, embarque e desembarque facilitados, chassi com motorização localizada na traseira ou no entre-eixos, maior potência dos propulsores, transmissão automática, suspensão pneumática, ar-condicionado, trações alternativas (elétrica,

a gás natural, híbrida) capazes de reduzir as emissões poluentes, dentre outros itens tecnológicos.

A evolução tecnológica dos ônibus já chama a atenção do mundo. Durante a COP 21 de 2015, Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática, a importância do ônibus com propulsores alternativos e limpos foi salientada por governantes e especialistas, que defendem modificações urgentes, buscando-se um ambiente urbano qualificado.

Como se vê, a crise da mobilidade continua dando o que falar, e as soluções aos problemas precisam ser apresentadas. Essa é a única maneira de a confiança no transporte público sair de sites, congressos e jornais e ganhar as ruas. Quando isso acontecer, veremos o quanto uma cidade com melhor mobilidade é boa para todos.



Bem-estar na ponta dos dedos

Com recursos práticos e repletos de dicas, aplicativos ligados à área da saúde podem ajudar na prevenção de doenças

Que atire a primeira pedra quem, ao primeiro sintoma de um mal-estar qualquer, não recorreu a sites de busca para procurar uma solução imediata. Mais do que isso: quem nunca se viu tentado, nos últimos anos, a dispensar uma consulta ao encontrar os motivos daquela "dorzinha" em um site qualquer? Para algumas pessoas, entretanto, uma simples pesquisa já não basta – é preciso ter a resposta sempre na palma da mão. Muito por conta disso, uma lista cada vez maior de aplicativos aparece nas lojas dos smartphones, oferecendo desde orientações nutricionais e alertas para ingestão de remédios até recursos que reúnem informações sobre o histórico de cada paciente.



O número de downloads impressiona, e uma pesquisa realizada pela Flurry Insights aponta que, desde 2014, o uso destes programas aumentou nada menos do que 62%. Cada vez mais populares, os softwares são em sua maioria gratuitos e chamam a atenção de pessoas de todas as faixas etárias – de jovens interessados em dicas sobre o mundo *fitness* a idosos com dificuldades em administrar sua lista diária de medicamentos.

Nos Estados Unidos, os aplicativos são regulamentados pelo FDA (Food and Drug Administration), agência que sanciona normas sobre alimentos e medicamentos no país.

Para mostrar o quanto os recursos tecnológicos vêm crescendo na preferência do público americano e os riscos oriundos desse crescimento, o órgão chegou a divulgar, no ano passado, um documento sobre o assunto, alegando que muitas ferramentas podem colocar em risco a vida dos pacientes. Por aqui, o tema ainda não está na pauta do CFM (Conselho Federal de Medicina), apesar de muitos profissionais da área já sugerirem o uso de plataformas digitais para complementar o tratamento de seus pacientes. Segundo o médico Raphael Gordilho, cofundador de um site que reúne aplicativos para saúde e bem-estar, já existem

no país centenas de programas eficientes, seja para monitorar o paciente, otimizar o seu tratamento ou mesmo prevenir doenças. O especialista destaca que eles abordam desde epilepsia, hipertensão e diabetes até o controle de peso, e faz um alerta importante: “Apesar da praticidade, as ferramentas jamais devem substituir a relação entre o médico e o paciente, mas auxiliar no tratamento”, afirma.

Eficiência controversa

De acordo com Gordilho, um dos benefícios mais interessantes dos aplicativos é o fato do próprio usuário dos serviços poder monitorar diariamente sua patologia – muitas vezes em forma de gráficos que são enviados diretamente para o responsável pelo seu tratamento. “Isso é algo bem diferente, que nunca houve antes. O médico nunca conseguiu estar tão presente na casa de um paciente como hoje e isso se deve principalmente à penetração dos smartphones no Brasil, que só aumenta”, avalia. Na hora de escolher um aplicativo para baixar no telefone, ele ainda oferece uma dica importante: sempre verificar as referências dos serviços, que devem ser baseados em estudos com respaldo médico ou desenvolvidos por instituições de saúde reconhecidas. A desconfiança é importante nesta área, já que, de acordo com a empresa de pesquisa de mercado móvel Research2guidance, atualmente existem mais de cem mil aplicativos – entre pagos e gratuitos – ligados ao assunto nas lojas iTunes (para dispositivos com sistema operacional iOS) e Google Play (direcionada a aparelhos de plataforma Android). Em 2017, o instituto estima que o mercado dessas ferramentas deva faturar US\$ 26 bilhões.

Segundo dados divulgados por um relatório da IMS (Institute of Healthcare Informatics), somente 54% dos aplicativos médicos e de saúde são realmente úteis. Na visão do estudo americano, a diferença entre os serviços oferecidos chama a atenção, já que 69% das ferramentas atuais são direcionadas para consumidores e pacientes em geral, enquanto apenas 31% deles têm como alvo o uso clínico. De acordo com os especialistas do IMS, a maioria dos aplicativos ainda impressiona pela simplicidade na interface e por fazer pouco mais do que oferecer informações disponíveis em qualquer site especializado. Na lista de serviços, também chama a atenção a quantidade de recursos disponibilizadas por grandes multinacionais da área farmacêutica, que contam com grandes recursos para criar softwares que integram conteúdos relacionados à saúde e uma prateleira de produtos exclusivos. Desta forma, a gigante Bayer lidera o segmento com 11,2% da quota, seguida de perto por companhias como Merck, Novartis, Pfizer e Boehringer Ingelheim. Em termos de dispositivos, o iPhone é o líder isolado – com 48,2% do mercado – seguido por iPad, Android e Windows Phone.





Apesar de muitos profissionais enxergarem benefícios na relação entre pacientes e tecnologia, os recursos ainda são vistos com ressalvas por muita gente. No ano passado, o médico Nathan Cortez, especialista em Direito Tecnológico Médico da Faculdade de Direito da Universidade Metodista do Sul, dos Estados Unidos, causou furor na internet ao expor uma dura crítica aos aplicativos. Em um contundente artigo publicado pelo "New England Journal of Medicine", ele alertou para o fato de que recursos não confiáveis e sem regulamentação podem representar uma ameaça significativa à saúde de qualquer pessoa. "Simplesmente não existe maneira médica plausível de alguma dessas ferramentas funcionar. Além de desperdiçar seu dinheiro, esses aplicativos podem, na verdade, fazer mal. Se você for diabético e o programa fizer uma leitura errônea do nível de glicose no sangue, pode acabar se aplicando mais insulina do que o necessário e entrar em hipoglicemia", afirma. Os serviços recomendados pelo especialista seriam fruto de colaborações entre desenvolvedores, médicos e especialistas em direito da saúde.

Para entender melhor

Ao alcance da mão e disponíveis a partir de um simples toque, aplicativos médicos podem ser importantes aliados na rotina de quem busca bem-estar. Confira uma seleção de ferramentas indicadas pela Moneo Revista.



DIÁRIO CEFALEIA

O aplicativo foi desenvolvido com o objetivo de facilitar a vida do médico e do paciente no diagnóstico e tratamento das dores de cabeça. Por meio de um calendário, o usuário indica os dias e horários em que sentiu o incômodo, além de inserir detalhes das crises – como a região onde a dor ocorreu e fatores desencadeantes envolvendo a alimentação e as atividades. Todas essas informações podem ser encaminhadas ao médico via e-mail.

Disponível para Android e iOS



CARDIOGRAPH

Com a intenção de medir os batimentos cardíacos, a ferramenta utiliza a câmera embutida do aparelho celular para calcular o ritmo do coração. O aplicativo pode ser muito útil durante a prática de exercícios, caso o paciente esteja vivendo momentos de estresse ou tenha uma condição médica especial. Os resultados são salvos para referências futuras, sendo que o recurso pode acompanhar a rotina de várias pessoas a partir de perfis individuais. O software ainda permite aferir o pulso do usuário utilizando o sensor de alguns smartwatches.

Disponível para Android e iOS



HORA DO REMÉDIO

Problemas na hora de lembrar de tomar o medicamento, nunca mais. Com essa proposta, o aplicativo faz sucesso ao emitir um alarme na hora em que for preciso ingerir um remédio. Por conta de um calendário, os usuários têm a opção de entrar com os horários individualmente ou automaticamente, selecionando o intervalo de tempo entre as doses. Graças a uma lista com todas as drogas que estão sendo utilizadas, o aplicativo ainda pode fazer um contagem regressiva de quantos dias a pessoa precisa continuar o tratamento.

Disponível para Android



NUTRABEM

Um recurso para quem quer controlar o peso de forma saudável em qualquer lugar. Esse é o objetivo do aplicativo, que se diferencia dos demais por apresentar o equilíbrio nutricional e não somente as calorias dos alimentos ingeridos, auxiliando o usuário a adquirir controle sobre as suas escolhas. Adequar o peso, preservar a saúde e manter os resultados a longo prazo são metas possíveis com o uso diário da ferramenta. O conteúdo é elaborado pela equipe de nutricionistas do Instituto Nutra e Viva.

Disponível para Android e iOS



SOCORRO

De forma simples, o aplicativo tem a intenção de ser útil nos momentos em que as pessoas mais precisam. Em casos de emergência, a ficha médica, com informações vitais do futuro paciente, ficará acessível a quem lhe prestar socorro. Nessas difíceis situações, o médico ou qualquer outro profissional da saúde terá acesso fácil e rápido a informações relevantes, como nome, idade, contatos, tipo sanguíneo, peso, doenças, alergias, medicamentos e planos de saúde do indivíduo. Um botão central ainda permite contato com o SAMU.

Disponível para iOS

Questão de estilo

De apelo casual e esbanjando conforto, a bermuda é item indispensável no guarda-roupas masculino





Não importa se é para se sentir mais confortável em um dia de calor ou compor uma produção descolada para aquele programa especial. De apelo casual, a bermuda é um dos itens essenciais do guarda-roupas masculino ao unir bem-estar e atitude. Com status de coringa, o artigo caiu de forma definitiva no gosto dos homens e combina com uma variedade de estilos – com direito a modelagens, estampas e detalhes bastante diversificados. Na lista de apostas da temporada, a peça ganha ares modernos ao mesclar cortes impecáveis a uma ampla cartela de cores. Pelas semanas de moda mais importantes do mundo, ela marcou presença em versões comportadas – e até mesmo ao lado de blazers requintados e camisas em alfaiataria. Os comprimentos chamam a atenção ao surgirem mais curtos, especialmente com as barras dobradas. Na lista de novidades, as padronagens também marcam presença, sobretudo em desenhos discretos e em sintonia com o dia a dia de quem gosta de estar na moda, mas sem grandes esforços.

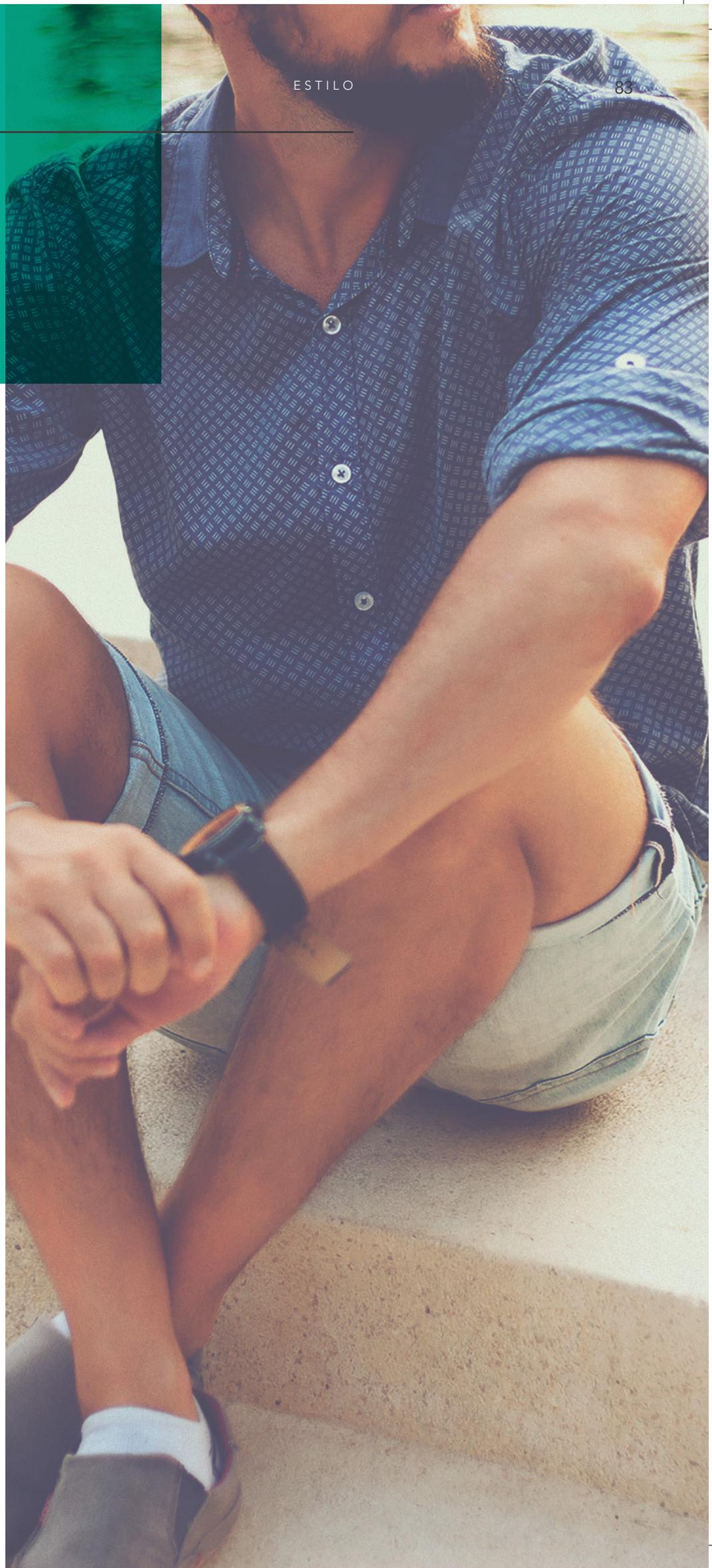


“A bermuda é uma dessas peças que estão sempre em alta desde que se tome alguns cuidados simples na hora de montar a produção ideal. Em primeiro lugar, uma coisa é importante ter em mente: ela nunca vai ao trabalho e deve ser usada somente em momentos mais descontraídos. Mesmo nas “casual fridays”, ela deve ser evitada”, destaca a *stylist* Anelise Souza. De acordo com a consultora de estilo, uma tendência forte é misturar camisetas neutras com peças de visual mais elaborado, em especial as confeccionadas em sarja, linho ou algodão. Sempre em evidência, o jeans – de corte tradicional e com lavagens mais sóbrias – também é uma boa parceria para a bermuda. “Na cartela de cores, tonalidades neutras, como preto, marrom e até mesmo uma vasta gama de azuis chamam a atenção e facilitam as combinações do dia a dia. Por outro lado, muitas marcas apostam em elementos de cor, com peças lisas e em nuances de vermelho, verde e até mesmo amarelo”, destaca. Neste caso, as *t-shirts* são as melhores companheiras, seja em versões básicas ou com mensagens divertidas.

Mesmo em ambientes informais, a bermuda merece uma produção caprichada. Para o designer Paulo Mouchrerk, as peças chamadas de chino – ou seja, com pelo menos cinco bolsos – também são uma alternativa e tanto para a rotina masculina, desde que para eventos descontraídos. “A chino mais seca e com poucos detalhes combina bem com camisetas e polos. Uma das peças deve ter uma cor neutra enquanto a outra pode ser mais colorida. Nos pés, a melhor opção é um mocassim ou um tênis casual, com meias invisíveis ou sem”, comenta. Se a intenção é compor um visual descolado, Paulo sugere artigos em jeans detonado, o que confere um visual moderno e em dia com as tendências. Para uma produção harmônica, a parte de cima não precisa destacar muitos detalhes – como recortes, bordados e estampas. Os mais ousados podem adotar um look “total denim”, misturando diferentes lavagens do tecido. E atenção ao básico: a peça deve estar sempre limpa, passada e longe de sinais de desleixo – como rasgos de uso ao invés dos propositais, de acabamento do material.

Jogo de proporções

Na hora de escolher o modelo perfeito, Anelise ainda chama a atenção para o comprimento das peças. “As bermudas abaixo do joelho não são indicadas para os homens baixos. Elas dão a impressão da perna ser ainda menor. Da mesma forma, as muito curtas também não são legais nos homens mais altos”, ensina. Para não ter erro, a melhor solução é sempre procurar por artigos de, no máximo, dois dedos abaixo do joelho ou dois dedos acima, ensina a especialista. As barras dobradas também estão em alta – e foram vistas nas passarelas. Ao adotar a moda para o verão, ela ainda oferece dicas preciosas, como apostar em modelos a partir de tecidos leves, como tactel e fibra – e com estampas marcantes, entre motivos florais e geométricos. “Muitas marcas de skate e surf aderem a esta moda, que está sempre na preferência dos homens, especialmente dos mais jovens. Geralmente, estas bermudas são utilizadas para entrar em contato com a água e contam com tecnologias que permitem uma rápida secagem, além de impedirem a passagem de calor nos dias mais quentes”, observa.





Dicas para não errar

- >> Evite usar a peça em ocasiões formais e até mesmo na rotina de trabalho.
- >> As bermudas abaixo do joelho não são indicadas para os homens baixos, já que podem achatá-la silhueta.
- >> Dobrar a barra da peça deixa o visual moderno – mas cuidado com as proporções.
- >> Para um visual mais elaborado, aposte em modelos de sarja, linho ou algodão.
- >> Os modelos jeans – em versão “destroyed” ou não – casam bem com camisetas polo e até mesmo moletons leves.
- >> As peças em alfaiataria são ótimas para o dia a dia e pedem o complemento de camisas e *t-shirts* discretas.
- >> O blazer pode ser um aliado e tanto da peça, desde que confeccionadas em modelagens tradicionais e tecidos leves.
- >> Nos pés, a melhor companhia fica por conta de mocassins e tênis (com ou sem meias).



Indicadores Econômicos

(abril 2016)

Moedas

MOEDA	COMPRA	VENDA	VAR.%	DATA
Dólar Comercial	R\$ 3,5920	R\$ 3,5940	0,89%	04/abr
Dólar Paralelo	R\$ 3,5800	R\$ 3,7400	-0,79%	04/abr
Dólar Turismo	R\$ 3,5800	R\$ 3,7400	-0,79%	04/abr
Dólar X Euro	R\$ 1,1380	R\$ 1,1390	0,00%	04/abr
Real X Euro	R\$ 4,0740	R\$ 4,0760	0,00%	04/abr
Dólar PTax	R\$ 3,5790	R\$ 3,5800	0,00%	04/abr

Inflação

DESCRIÇÃO	FECH.	PERIODICIDADE	DATA
Índice de Custo de Vida Mes	0,71%	mês	09/mar
Índice de Custo de Vida Ano	2,52%	ano	09/mar
IGP-DI Mes (FGV)	0,79%	mês	05/fev
IGP-M Variacao Ano (FGV)	2,97%	ano	30/mar
IGP-M Mes (FGV)	0,51%	mês	30/mar
INPC - Mes (IBGE)	0,95%	mês	04/abr
IPC-DI Variacao Ano (FGV)	2,56%	ano	05/fev
IPCA - Mes (IBGE)	0,9%	mês	04/abr
IPCA - Variacao Ano (IBGE)	2,18%	ano	04/abr

Investimentos

DESCRIÇÃO	FECH.	PERIODICIDADE	DATA
CDB Pre 30 dias p/ R\$1 Mi	13,48%	ano	04/abr
Poupanca em D+1	0,70%	mês	05/abr
Poupanca em D+0	0,67%	mês	04/abr
CDI Ano - CETIP	14,13%	ano	04/abr

Salário Mínimo

VIGÊNCIA	VALOR MENSAL	VALOR DIÁRIO	VALOR HORA	D.O.U
01.01.2016	R\$ 880,00	R\$ 29,33	R\$ 4,00	30.12.15
01.01.2015	R\$ 788,00	R\$ 26,27	R\$ 3,58	30.12.14

BNDES Finame

CLASSIFICAÇÃO	PRODUTO	%FINANCIADO	CUSTO BNDES	CUSTO INTERMEDIARIAÇÃO	SOBRE TAXA	SPREAD BANCO	CUSTO FINANCEIRO
Micro - Pequena - Média empresa*	Finame TJLP	80%	1,50%	0,10%	-	A negociar	TJLP
Média - Grande e Grande empresa**	Finame TJLP	70% de 70% 30% de 70%	1,50%	0,50%	***0,40%	A negociar	TJLP TAXA MÉDIA SELIC
Média - Grande e Grande empresa**	Finame TJLP	10%	1,50%	0,50%	***0,40%	A negociar	TAXA MÉDIA SELIC

Juros

DESCRIÇÃO	FECH.	PERIODICIDADE	DATA
Taxa de Juros Longo Prazo Ano	7,50%	ano	04/abr
Selic Meta Copom Bacen	14,25%	ano	04/abr

% aa

* Micro - Pequena - Média empresa: até R\$ 90 milhões da ROB.

** Média - Grande e Grande empresa: acima de R\$ 90 milhões da ROB.

*** Sobre Taxa Fixa para as operações contratadas de 01.04.2016 a 30.06.2016

Fonte: CMA, 04 de abril de 2016;

G1 - GLOBO; Guia Trabalhista



rkt 02/16

Paradiso 1800DD

Sofisticação e Conforto



Cinto de segurança salva vidas.
Imagens meramente ilustrativas. Consulte o representante de sua região
para saber mais sobre os modelos e suas configurações
www.marcopolo.com.br - nas redes sociais: OnibusMarcopolo

